

2.1

Fuoc-xó - Victorino Condá:
da infância à liderança dos Kaingang
1805 - 1830

Lúcio Tadeu Mota

RESUMEN

Aquí trazamos la trayectoria de Fuoc-xó, conocido como Victorino Condá, uno de los principales líderes del pueblo Kaingang. Una intensa trayectoria de vida que atravesó y tuvo intersecciones en muchas situaciones históricas ocurridas en las relaciones socioculturales vividas por los Kaingang y los invasores de sus territorios en las primeras siete décadas del siglo XIX. Abordamos sus primeros veinticinco años de vida: desde su nacimiento en los territorios de Goyo-Covó (Río Iguaçú) hasta 1830, cuando se consolida como el principal líder entre los Kaingang en los Koran-bang-rê - Campos de Guarapuava. Un camino recorrido en una temporalidad de casi setenta años vividos y en la espacialidad de los territorios Kaingang en el sur de Brasil, desde São Paulo hasta Río Grande do Sul, complejizado por la diversidad de sujetos sociales e históricos con los que se relacionó. Fue en esta situación histórica de guerra en las fronteras de la ocupación de sus territorios, de procesos múltiples e interconectados, que Fuoc-xó (Victorino Condá) actuó. Al mismo tiempo que tenía que lidiar con las luchas intertribales entre los diversos grupos Kaingang, tenía que construirse como líder guerrero entre ellos, elementos estructurantes de la sociedad Kaingang. En este proceso, se dio cuenta de que estaba en un "mundo más amplio", más allá de la sociedad Kaingang, donde era necesario comprender las diversas formas de invasión de sus territorios por parte de los no indígenas y buscar alternativas para enfrentarlas. Terminó su vida con la determinación de garantizar un territorio para su pueblo y la comprensión de la importancia de acceder a las tecnologías y conocimientos de la sociedad invasora como herramientas en la lucha por la continuidad de la sociedad Kaingang.

PALABRAS CLAVE

Victorino Condá
Kaingang
Campos de Guarapuava
Etnohistoria indígena
Relaciones socio-culturales

RESUMO

Trazamos aqui a trajetória de Fuoc-xó, conhecido como Victorino Condá, uma das principais lideranças do povo Kaingang. Trata-se de uma trajetória de vida intensa, que atravessou, e teve interseções, em muitas situações históricas ocorridas nas relações socioculturais vividas pelos Kaingang e pelos invasores de seus territórios nas primeiras sete décadas do século XIX. Abordamos seus primeiros vinte e cinco anos de vida: do nascimento nos territórios do Goyo-Covó (Rio Iguaçú) até 1830, quando se consolida como a principal liderança entre os Kaingang nos Koran-bang-rê - Campos de Guarapuava. O sujeito da pesquisa percorreu um caminho numa temporalidade de quase setenta anos vividos, e na espacialidade dos territórios Kaingang no Sul do Brasil, desde São Paulo ao Rio Grande do Sul, perpassando por relações de diversidade de sujeitos sociais e históricos. Nosso recorte enfoca, entretanto, a situação histórica de guerra nas fronteiras da ocupação de seus territórios, de processos múltiplos e interconectados, em que Fuoc-xó agiu. Ao mesmo tempo que tinha que lidar com as lutas intertribais entre os diversos grupos Kaingang, precisou se construir como liderança guerreira entre eles - elemento estruturante da sociedade Kaingang. Nesse processo percebia estar num "mundo mais amplo", que ia além da sociedade Kaingang, onde era necessário entender as diversas formas de invasão de seus territórios pelos não indígenas, assim como era preciso procurar alternativas para enfrentá-las. Encerrou sua vida com a determinação de garantir um território para seu povo, e a compreensão da importância de acessar as tecnologias e os conhecimentos da sociedade invasora como ferramentas na luta para a continuidade da sociedade Kaingang.

PALAVRAS-CHAVE

Victorino Condá
Kaingang
Campos de Guarapuava
Etno-história indígena
Relações socioculturais

ABSTRACT

We trace here the trajectory of Fuoc-xó, known as Victorino Condá, one of the main leaders of the Kaingang people. An intense life trajectory that crossed paths and had inter-sections in many historical situations that occurred in the socio-cultural relations experienced by the Kaingang and the invaders of their territories in the first seven decades of the 19th century. We address his first twenty-five years of life: from his birth in the territories of Goyo-Covó (Iguaçú River) until 1830, when he consolidated himself as the main leader among the Kaingang in the Koran-bang-rê - Guarapuava Fields. A path traveled in a temporality of almost seventy years lived, and through the Kaingang territories in southern Brazil from São Paulo to Rio Grande do Sul, complicated by the diversity of social and historical subjects with whom he related. It was in this historical situation of war on the borders of the occupation of their territories, of multiple and interconnected processes, that Fuoc-xó (Victorino Condá) acted. At the same time that he had to deal with intertribal fights among the various Kaingang groups, he had to build himself as a warrior leader among them, which are both structuring elements of Kaingang society. In this process, he realized that he was in a "broader world" beyond Kaingang society, where it was necessary to understand the various forms of invasion of their territories by non-indigenous people and seek alternatives to confront them. He ended his life with the determination to guarantee a territory for his people and the understanding of the importance of accessing the technologies and knowledge of the invading society as tools in the struggle for the continuity of the Kaingang society.

KEY WORDS

Victorino Condá
Kaingang
Guarapuava fields
Indigenous ethno-history
Socio-cultural relations

introdução

Em 25 de maio de 1869, Pedro Ribeiro de Souza, então Diretor do Aldeamento Indígena de Palmas, fez uma carta de apresentação para as autoridades das vilas da Província do Paraná, informando que o Cacique Victorino Condá, em “companhia de dezoito mulheres e quatorze índios homens”, seguia viagem de Chapecó para Curitiba para uma audiência com o presidente da província, o senhor Antônio Augusto da Fonseca. Nessa carta, Pedro Ribeiro solicitou que as autoridades das vilas, por onde Victorino Condá e sua comitiva passassem, não o “embarçassem”, isto é, não colocassem obstáculos à sua passagem (Souza, 25/05/1869)¹. O Diretor do aldeamento também escreveu ao Presidente da Província informando-o da viagem do cacique Condá.

Dois meses depois, em 26 de julho de 1869, Condá e seu grupo apresentaram-se ao presidente Antônio Augusto da Fonseca em Curitiba. A principal petição deles era:

(...) um terreno de campo para terem a onde morarem, e terem seos animaes, elles estão morando em terrenos alheios e já tinham sido vexados para se retirarem do terreno aonde tinham suas cabanas os quaes estão muito desgostosos, e dizem que se V. Exa. não arranjar aqui um pedaço de Campo para eles que então se retirão deste Destricto (Souza, 25/05/1869)².

1 Referência do documento manuscrito feita conforme o Catálogo Seletivo de Documentos do Arquivo Público do Paraná. Autor do documento; dia, mês e ano da produção do documento; APP – Arquivo Público do Paraná; Nota AP307.10.322 (Nota se refere ao número da encadernação, o volume e as páginas do documento).

2 APP, Nota AP307.10.323.

Os Kaingang, chefiados pelo cacique Victorino Condá, também queriam: “um ferreiro para compor as ferramentas deles, (...) e pedem um Mestre de primeiras letras para mandarem ensinar seos filhos (...) eles querem muito que seos filhos aprendão” (Souza, 25/05/1869)³. Também apresentaram uma lista de objetos e ferramentas.

As demandas dos Kaingang do Sudoeste da Província eram claras e objetivas: demarcação de um território, acesso às tecnologias de fabricação e reparos dos instrumentos e ferramentas de metal, que seriam viabilizados com a contratação de um ferreiro, e domínio dos conhecimentos da sociedade invasora, por meio de um mestre de primeiras letras.

O presidente Fonseca recomendou ao delegado da Repartição das Terras Públicas e Colonização da Província, que lhes desse alojamentos e alimentação, e autorizou um gasto até o limite de 200 mil réis com os objetos solicitados. E que ele lhes desse conhecimento de que o Presidente da Província tomaria “em consideração” as solicitações e expediria ordens sobre a demanda de terras (Fonseca, 29/07/1869)⁴.

Mas o presidente da província não queria os Kaingang circulando em Curitiba, então, recomendou que o Delegado de Terras providenciasse o regresso dos índios para Palmas “sem demora” (Fonseca, 26/07/1869)⁵. E fez uma reprimenda ao Diretor do Aldeamento de Palmas:

O resultado de taes viagens são inconvenientes, (...) recomenda a V. Mece que não permita a reprodução delas, devendo sempre carecer tomar qualquer providencia a bem dos índios seus subordinados representar por escripto (Fonseca, 26/07/1869)⁶.

Nos dias que se seguiram, o presidente Antonio Augusto da Fonseca procurou maiores esclarecimentos sobre a demanda de terras dos Kaingang de Victorino Condá, e por isso solicitou ao Diretor dos Índios em Guarapuava, Francisco Ferreira da Rocha Loures que o informasse

(...) minuciosamente a respeito das reclamações dos índios sob o comando do Cacique Victorino Condá e constante do officio (...) do Diretor dos Índios de Palmas, (...) declarando-se os mesmos índios nunca tiveram terrenos ou se tendo foi eleozurpado (Fonseca, 31/07/1869)⁷.

Condá havia lhe informado que os fazendeiros de Palmas procuravam expulsá-los de suas moradias, em “particular um individuo chamado João Carneiro” (Fonseca, 31/07/1869)⁸.

Nessa mesma data, o presidente Fonseca enviou um ofício ao Ministro da Agricultura do Império, nele descrevendo a visita do grupo chefiado por Victorino Condá, e apresentando suas demandas. Explicou ao Ministro Joaquim Antônio Fernandes Leão que, de acordo com Decreto nº 318, de 30 janeiro de 1854⁹, não

6 APP, Nota C458.101.380

7 APP, Nota C458.102.389

8 APP, Nota AP308.11.64-65

9 Esse Decreto “Manda executar a Lei Nº 601

cabia nas atribuições da Província “mandar demarcar terrenos para os índios, pois que só o governo Imperial pode mandar medir as terras devolutas afim de nelas criar-se o aldeamento” (Fonseca, 31/07/1869)¹⁰.

Um mês depois, o Ministro da Agricultura respondeu indicando ao presidente da Província do Paraná que:

(...) nomeasse pessoa habilitada para exercer as funções de Juiz Commissário na Freguesia de Palmas, afim de medir e demarcar o terreno necessário, escolhido entre os que ahi existam devolutos, para o estabelecimento dos indígenas, que acompanharam o Capitão Victorino Condá, e outros que desejam aggregar-se a eles (Leão, 30/09/1869)¹¹.

Então, o Ministro autorizou a presidência da província a tomar as medidas que fossem necessárias para o estabelecimento e bem-estar do novo aldeamento. Meses depois, em início de julho de 1870, Pedro Ribeiro de Souza escreveu ao presidente Agostinho Ermelino de Leão, comunicando-lhe o falecimento de Victorino Condá, ocorrido em 25 de maio de 1870 na sua aldeia

de 18 de setembro de 1850.” A Repartição Geral das Terras Públicas fora criada pela Lei Nº 601, e sua competência foi definida no Artigo 5º do Decreto Nº 318. No seu Paragrafo 3º, ela define que uma Repartição deveria “Propor ao Governo as terras devolutas, que deverem ser reservadas: 1º para a colonização dos indígenas; 2º para a fundação de Povoações, abertura de estradas, e quaesquer outras servidões, e assento de Estabelecimentos Publicos”. Câmara dos Deputados. Legislação Informatizada - Decreto nº 1318, de 30 de Janeiro de 1854 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1318-30-janeiro-1854-558514-publicacaooriginal-79850-pe.html>. Acesso em: 01 nov. 2023.

10 APP, Nota AP308.11.64-65

11 APP, Nota C270.269

nos Campos de Chapecó (Souza, 03/07/1870)¹².

Na sua última viagem à capital da província, o cacique Victorino Condá tinha conseguido sensibilizar as autoridades para as demandas do seu povo, e elas chegaram ao Ministro da Agricultura do Império no Rio de Janeiro. Ele retornou à sua aldeia, nas margens do rio Chapecó, com as ferramentas e demais objetos solicitados, bem como com a promessa de criação de um Aldeamento e a autorização do Ministério da Agricultura para demarcação de seus territórios. Victorino Condá sabia da importância da demarcação de terras para seu povo, pois, desde criança, observava a expansão da sociedade campeira nos territórios indígenas, dos Koran-bang-rê (Guarapuava), passando pelo rio Goyo-Covó (Iguaçu) até o Goyo-en (Uruguai). Sua última ação deixou definida uma pauta de luta que os seus parentes e aliados conduziram nas décadas seguintes. As ações de Victorino Condá, bem como as de muitas outras lideranças indígenas que atuaram na região no século XIX, contribuíram para preservar parcelas de seus territórios ocupadas até hoje pelos povos indígenas¹³.

12 APP, Nota APP338.15.232-233

13 Ao sul do rio Iguaçu até o rio Uruguai existem hoje as Terras Indígenas: Mangueirinha, Palmas, Toldo Imbu, Xaçepé, Xaçepé – Pinhalzinho, Canhadão, Toldo Pinhal, Aldeia Kondá, Toldo Chimbangue, Toldo Chimbangue II, Arraçai, Aldeia Pirai, Rio dos Pardos, e Pinhal; congregando um total de 11.379 indígenas das etnias Kaingang, Xokleng e Guarani (IBGE 2023). Cada uma com sua história, suas lideranças e suas lutas que remontam ao século XIX quando foi acelerada a invasão dos territórios indígenas no sudoeste da Capitania de São Paulo pelas elites campeiras.

homens adultos, um menor e uma mulher anciã. Foi preso e enviado para São Paulo, de onde fugiu e reapareceu em Guarapuava em 1830. Na lista de moradores da Freguesia de Guarapuava, elaborada por Antônio da Rocha Loures, sua família aparece no cabeçalho da lista, significando que naquele momento ele era a liderança Kaingang em Guarapuava.

Sua trajetória segue com ele liderando os Kaingang em Guarapuava até cerca de 1833. Nos anos seguintes, até 1844, vamos encontrá-lo nos territórios do Goyo-Covó, na região de Palmas. Mas com constantes visitas à freguesia de Guarapuava. Em 1840, ele integrou a comitiva de José Pinto Bandeira, encarregado de resolver os conflitos entre consórcios de fazendeiros na ocupação dos Krei-bang-rê – Palmas. Em 1842, devido a desavenças com Pedro Siqueira Cortez, ele se afasta de Palmas. Com o retorno de Hermógenes Carneiro Lobo⁸ à comandância do destacamento, ele foi nomeado Comandante dos Índios de Palmas. Nos anos seguintes, 1844 e 1845, ficou a serviço de Francisco Ferreira da Rocha Loures na abertura da picada que ligaria Palmas a Cruz Alta no Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul, o Caciقة Victorino Condá foi contratado pelo governo provincial para agrupar as diversas “hordas” Kaingang na região de Nonohay. No noroeste desta província, ele estabeleceu novas alianças com grupos locais. Permaneceu em Nonohay até 1856, quando retornou aos Campos de Palmas, mais precisamente nos Xá-embtko

– Campos do Chapecó. Aí vamos encontrá-lo em várias empreitadas: em 1863 na abertura da estrada de Porto União a Palmas; em 1865 foi encarregado da exploração da Estrada de Palmas até Campo Erê.

Instalado nos territórios do Chapecó, Victorino Condá realizou em 1869 sua última grande viagem até Curitiba para levar ao presidente da Província do Paraná as demandas dos seus liderados. Encerrou sua vida com a determinação de garantir um território para seu povo, e a compreensão da importância em acessar as tecnologias (ferreiro) e os conhecimentos dos (mestre escola) dos invasores como ferramentas de continuidade da sociedade Kaingang.

É impossível tratar toda a trajetória de Victorino Condá nesse texto. Primeiro, pela longa vida de quase setenta anos; segundo, pela amplitude dos territórios onde atuou, desde São Paulo até o Rio Grande do Sul; terceiro, pela diversidade de sujeitos sociais e históricos com quem se relacionou; e, por último, pela complexidade da abordagem da história indígena. Isso nos levou a optarmos por abordar seus primeiros vinte e cinco anos: do nascimento nos territórios do Goyo-Covó até 1830, quando de sua consolidação como a principal liderança Kaingang na então Província de São Paulo.

Para compreendermos sua atuação (agency ou protagonismo), não podemos cair na armadilha identitária de isolar os grupos sociais em si mesmos, como nos alerta Eric Hobsbawm (2013). Temos de ter como norte a “supremacia da evidência”, fundamento do historiador, e o universalismo enquanto “condição necessária para o entendimento da história, inclusive a de qualquer

fração específica da humanidade” (Hobsbawm, 2013, p. 378).

Também temos um duplo desafio na construção da história indígena:

Por um lado, cabe ao historiador recuperar o papel histórico de atores nativos na formação das sociedades e culturas do continente, (...). Por outro, e muito mais complexo, faz-se necessário repensar o significado da história a partir da experiência e da memória de populações que não registraram — ou registraram pouco — seu passado através da escrita (Monteiro, 1995, p. 227).

Ademais, é preciso estarmos atentos aos desafios apontados por Monteiro: de reescrever a história inserindo os indígenas enquanto sujeitos sócio-históricos, aplicando metodologias que evidenciam suas ações num passado marcado por fontes que não foram escritas por eles, ou os excluíram de forma deliberada.

Não basta mais caracterizar o índio histórico simplesmente como vítima que assistiu passivamente à sua destruição (...). Importa recuperar o sujeito histórico que agia de acordo com sua leitura do mundo ao seu redor, leitura esta informada tanto pelos códigos culturais da sua sociedade como pela percepção e interpretação dos eventos que se desenvolveram (Monteiro, 1999, p. 248).

Cabe ainda assinalar que a agência, isto é, o protagonismo indígena, atua num “conjunto de relações estabelecidas entre os indígenas e os demais atores e forças sociais que com eles interagiam” (Oliveira, 2016, p. 7) em situações históricas específicas.

No caso aqui analisado, trata-se de uma conjuntura de guerras nas fronteiras da ocupação, numa “situação histórica” de expansão das elites campeiras da Província de São Paulo e da 5ª Comarca de Curitiba e Paranaguá para os territórios dos Kaingang a oeste da Estrada do Viamão.

Somadas a essas indicações, devemos lembrar que a história de povos indígenas, ou a etno-história de populações indígenas, vem sendo tratada por pesquisadores de diversas áreas desde a década de 1950. Na Conferência de História Indígena de Columbus, ocorrida em Ohio, em 1953¹⁹, foram assentadas suas ancoragens metodológicas na estratégia de pesquisa, que pressupõe o uso combinado dos dados advindos de diversas disciplinas como: linguística, dados ambientais, cultura material, dados etnográficos; de documentação histórica; e a incorporação nas análises, das informações geradas pelas tradições orais, seus etno-conhecimentos e os elementos estruturantes da sociedade estudada.

19 Parte dessas reflexões foram e continuam sendo publicadas em diversos periódicos americanos e canadenses, e mais especificamente na Ethnohistory, revista criada em 1953. Sobre os debates iniciais ver os trabalhos publicados na revista Ethnohistory, v. 8, n. 1, em 1961. Os comentários relativos aos papers apresentados foram publicados nesse mesmo ano na Ethnohistory, v. 8, n. 2. O tema foi abordado sob várias perspectivas por pesquisadores de diversas áreas, desde o folclore (Dorson, 1961), pela história (Washburn, 1961), pela antropologia (Voegelin, 1954; Valentine, 1961; Leacock, 1961; Ewers, 1961; Lurie, 1961) e pela arqueologia (Baerreis, 1961). Desde então, foram publicadas várias sínteses sobre a temática, com destaque para Carmack (1972) e Trigger (1982), além de um balanço publicado por Kelly K. Chaves em 2008. No Brasil, ver as sínteses publicadas por Jorge E. de Oliveira (2003), Thiago Cavalcante (2011) e Lúcio T. Mota (2014). Muitos são os pesquisadores que têm tratado da história dos povos indígenas no Brasil nas últimas quatro décadas. Não caberia aqui um balanço desses autores, mas é necessário destacarmos, pela perspectiva antropológica, os trabalhos de João Pacheco de Oliveira Filho e, de um ponto de vista histórico, os trabalhos de John Monteiro.

Acrescenta-se a essa preocupação teórica/metodológica a dificuldade de escrever as ações de um líder indígena utilizando fontes anotadas por não indígenas, que buscam apagar suas atuações. Como lidar com essas fontes? Paul Ricoeur (1988) aponta que os textos e documentos, nossas fontes, trazem proposições de mundo e são significados construídos que buscam nos convencer da assertividade do que propõem. A massa documental que informa a trajetória de Victorino Condá foi escrita pelas autoridades das freguesias, das vilas, e burocratas provinciais que tinham um determinado entendimento de como o mundo deveria ser, como deveria ser construído. Com certeza, esse pensamento era diferente do que pensavam os Kaingang na primeira metade do XIX. Como então encontrar as formas de pensar e de agir dos sujeitos sociais indígenas na documentação escrita pelas autoridades provinciais? Esse é o esforço que a etno-história indígena deve desenvolver: interpretar a documentação enquanto momentos de expressão de mundo, de luta entre sujeitos sociais diferenciados. No caso da vida e das ações de Victorino Condá numa situação histórica de invasão e ocupação dos seus territórios, no momento de guerra na fronteira da ocupação.

Com essas ancoragens, podemos elaborar uma reflexão que não fique aprisionada às universalidades pré-explicativas, como a inevitabilidade do processo histórico (expansão da sociedade campeira), ou estabelecer simplificações históricas que colocam Victorino Condá como colaboracionista dos invasores, deixando de refletir as situações históricas dinâmicas em que ele atuou.

Para isso, temos que diminuir a escala de análise para elucidar a atuação de Victorino Condá nas relações dos Kaingang com a sociedade envolvente. François Dosse aponta para as possibilidades de variações do “enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas” (Dosse, 2009, p. 359).

Para elucidar os primeiros vinte e cinco anos de vida de Victorino Condá, pesquisamos a documentação existente no Arquivo Público de São Paulo e do Arquivo Público do Paraná, a documentação existente na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, e no Museu Paranaense. Visitamos o Arquivo da Diocese de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava, onde tivemos acesso aos livros de registro de nascimento, casamentos e óbitos, com anotações desde 1809. Os escritos do padre Francisco das Chagas Lima foram de fundamental importância, tanto os publicados, como os manuscritos. As obras de memorialistas regionais,²⁰ quando devidamente analisadas, nos trouxeram informações importantes para o entendimento da história dessa região do Paraná na perspectiva dos conquistadores. Acrescenta-se a esse corpo documental o etno-conhecimentos preservados nas tradições orais dos Kaingang que vivem nas Terras Indígenas vizinhas aos Campos de Guarapuava, no esclarecimento da toponímia local. A eles, nossos agradecimentos.

18 Sobre a permanência e ações de Condá no período 1839, início da invasão e instalação das fazendas no Kreie-bang-rê – Campos de Palmas – até 1844, ver Souza e Bernaski (2015). Ver também Mota, 2012. Sobre a atuação de Victorino Condá e Estevão Viri em Palmas, ver Malge (2010).

20 Dentre muitos historiadores regionais que escreveram sobre a história da Real Expedição de Conquista de Guarapuava destacam-se Franco (1943) e Macedo (1951).

UM MENINO DE SETE ANOS CHEGA AO FORTE DA ATALAYA EM AGOSTO DE 1812

Depois de instalada nos territórios indígenas dos Koran-bang-rê em Guarapuava, e rechaçada a investida dos Kaingang contra o Forte da Atalaya, em 29 de agosto de 1810, os soldados e demais componentes da Real Expedição de Conquista de Guarapuava²¹ passaram a ser atacados em emboscadas. Para conter esses ataques, o comandante Diogo Pinto ordenou ao Tenente-Coronel Manoel Antônio Rangel que vasculhasse os Koran-bang-rê, localizasse as aldeias Kaingang, aprisionasse suas lideranças e as levasse para o Forte da Atalaya. A escolta do Tenente Rangel localizou os emãs (aldeias) Kaingang na extremidade oeste dos campos, nas margens do rio Sãgro-ro (Cavernoso). Lá ele capturou a família do cacique Engraye, depois batizado como Antonio José Pahy, e a levou para o forte, lá chegando em 29 de janeiro de 1812. Os filhos de Engraye foram os primeiros a receber o sacramento do batismo do padre Francisco das Chagas Lima, e essa liderança Kaingang iniciou as primeiras tratativas de aliança com os militares sediados na Fortaleza da Atalaya²².

Na sua convivência em Atalaya, Engraye começou a apreender a

língua dos fog (brancos) e a perceber as intenções de catequese do padre Francisco das Chagas Lima, mas também entrou em contato com a comandância militar do forte na pessoa do Tenente-Coronel Diogo Pinto e do seu imediato, o Capitão Antônio da Rocha Loures. Sua participação na vida cotidiana no forte o habilitou a lidar com uma série de utensílios, ferramentas e armamentos utilizados pelas tropas ali acantonadas, bem como o aprendizado da língua portuguesa.

As informações que ele e seus familiares recebiam começaram a ser repassadas para os diversos grupos Kaingang que tinham suas moradias fora de Atalaya, nos “sertões do continente”, como se dizia na época. Então, Engraye passou a ser o elo de ligação entre a Real Expedição e as lideranças Kaingang que estavam fora do Forte, e com isso as convenceu a ali se apresentarem, “por este modo os reduziu a virem-se entregar aos Portugueses” (Lima, 1821, p. 1).

Em início de agosto de 1812, começaram a chegar ao acampamento militar da Atalaya os grupos familiares Kaingang. Conforme a contagem do padre Chagas Lima, foram 28 famílias e um total de 312 pessoas, de “duas Naçoens, hua de Camés, ou Camens, outra de Votorons” (Lima, 1821, p. 3).

Os grupos que o padre Chagas Lima chama de Camés eram os familiares que ocupavam os territórios desde as matas da Serra da Esperança, passando pelos campos da margem direita do Rio Jordão, até o fim deles no Rio Sãgro-ro (Cavernoso). E os denominados Votorons eram os grupos familiares assentados desde a margem esquerda do rio Jordão até o rio Iguacu, conhecidos como Campos do Pinhão, e nos territórios

da margem esquerda do Goyo-Covó (Rio Iguacu) até Palmas.

O menino Fuoc-xó (Victorino Condá), com idade aproximada de sete anos, pode ter chegado com sua família, vinda dos territórios a sudoeste, com os grupos familiares chefiados pelo cacique Candoi, e designados por Chagas Lima como Votorons. As informações que temos da sua família são as de que era, “filho de Ereim e de sua mulher Guerein índios selvagens deste continente” (Lima, 1809a, p. 46) Os nomes de seus pais não aparecem em nenhum outro registro da Paróquia de N.S. do Belém de Guarapuava. Eles não receberam os santos óleos do batismo, não foram abençoados em cerimônia de casamento, e não receberam sacramentos de penitência em suas mortes. Também não temos informação de outros filhos desse casal sendo batizados na Capela de Atalaya ou no Oratório da Matriz de N.S. do Belém.

A documentação estudada indica que a família de Fuoc-xó (Victorino Condá), chegou ao Forte de Atalaya em agosto de 1812, e se retirou rapidamente com o alastramento das doenças que assolaram o Forte no segundo semestre de 1812 e primeiros meses de 1813. Nesse período, o padre Chagas Lima registrou a retirada de 229 indígenas para os seus territórios tradicionais. Os Kaingang/Camés, liderados pelo cacique Araicó, dispersaram para o vale do rio Dorin (Rio do Cobre), 17 léguas a Noroeste, enquanto que os Kaingang/Votorons, sob a liderança do cacique Candoi, em direção a Sudoeste do Forte, para além do rio Jordão.

O menino Fuoc-xó (Victorino Condá), nessa sua breve estada com os não indígenas, sobreviveu à “peste

horrível, que prostou, em breves dias a maior parte dos índios; dos quais logo entrarão a morrer vários” (Lima, 1821, p. 5) Sua mãe Guerein, também pode ter sobrevivido à “peste” descrita pelo padre Chagas, na Relação de Índios da Freguesia de Guarapuava, a qual foi feita por Antônio da Rocha Loures em 1830. O nome Guerein consta ser de uma mulher de 65 anos, podendo ser a mãe de Fuoc-xó. (Loures, 1830, p. 2), mas não temos informações se seu pai Ereim sobreviveu.

A presença do grupo Kaingang do cacique Candoi conecta a história deles com a história da sociedade campeira da 5ª Comarca de Curitiba e Paranaguá, em expansão para novos territórios, com a história da Capitania de São Paulo, e com a história da instalação da Corte Imperial no Rio de Janeiro, a partir de 1808. Essas conexões estão no quadro teórico indicado pela história social inglesa, reafirmada por Eric Hobsbawm, de que: “Não há povo sem história ou que possa ser compreendido sem ela. Sua história, como a nossa, é incompreensível fora de sua inserção em um mundo mais amplo” (Hobsbawm, 2013, p. 241). E, na perspectiva de uma antropologia universalista alinhada ao que defende Eric Wolf, da impossibilidade de tratar as sociedades humanas como sistemas independentes, onde nenhum grupo social, nenhuma comunidade, é uma ilha isolada, eles estão num mundo de “processos múltiplos interconectados”, e esses processos “se mueven simultaneamente en el nivel del sistema general circundante y en el micro-nivel” (Wolf, 2005, p. 15:39). Foi nessa situação histórica de processos múltiplos e interconectados que Fuoc-xó (Victorino Condá) passou a agir. Ao mesmo tempo

que tinha que lidar com as lutas intertribais e faccionais, um dos elementos estruturantes da sociedade Kaingang, percebia que estava num “mundo mais amplo”, onde compreendia as diversas formas de invasão e ocupação de seus territórios pela elite campeira da Capitania de São Paulo e procurava formas de lidar com elas.

A VIDA ALTERNADA ENTRE O FORTE DA ATALAYA E OS TERRITÓRIOS TRADICIONAIS DO GOYO-COVÓ – 1812 A 1820

Da sua primeira visita, em agosto de 1812, até seu casamento, em fevereiro de 1820, Fuoc-xó (Victorino Condá) deve ter acompanhado os Kaingang/Votorons nas diversas vezes que se apresentaram no Forte da Atalaya. A documentação registra a chegada e/ou retirada deles em vários momentos.

Em junho de 1817, chegou ao Forte da Atalaya uma comitiva de 52 Kaingang/Votorons, sendo a maior parte de mulheres e crianças, e 14 homens. Vinham dos territórios do Goyo-Covó, onde tinham o cacique Candoi como liderança. Relataram ao padre Chagas que tinham sido atacados pelos Kaingang/Cayeres vindos dos Nerinhé – Campos das Laranjeiras. Nesse ataque, foi morto o cacique Candoi e mais 30 homens, bem como foram presas mulheres e crianças, que foram levadas para os Nerinhé. Os Kaingang/Votorons que chegaram a Atalaya eram os que tinham conseguido fugir, isto é, o que tinha restado do grupo de Candoi. Então, quando tinha doze anos, Condá viveu a experiência da

luta faccional intertribal e presenciou a morte do seu cacique e de mais trinta guerreiros em combate. Ele, então, teve que fugir e buscar refúgio no Forte da Atalaya. Assim, com doze anos estava se tornando adulto e aprendendo a ser um guerreiro Kaingang/Votoron.

Com a morte de Candoi, todas as 21 lideranças, chefes de clãs familiares, que tinham se apresentado em Atalaya em 1812, tinham morrido, fosse em combates como Candoi, fosse da “peste horrível” que continuou matando mesmo aqueles que se retiraram para os seus mais longínquos territórios (Lima, 1821, p. 7).

Em 1818, o padre Chagas Lima viajou a São Paulo para tratar, junto às autoridades, a questão das ordens emitidas para retirada da Real Expedição e de todo o trem real (homens e armas etc.) para o Quartel de Linhares, esvaziando assim seu trabalho de catequese junto aos nativos. Nas suas tratativas junto ao cle-ro paulista, e com a influência deste na Corte, conseguiu reverter as ordens e levar de volta para o Forte da Atalaya o destacamento de soldados, parte dos armamentos, e a volta do serviço de catequese. Também conseguiu que a freguesia se tornasse a Paróquia de N.S. do Belém de Guarapuava com ele nomeado seu pá-roco. Na sua volta, em fevereiro de 1819, para agradecer e atrair de volta os indígenas que tinham se afastado,

Mapa do Campo de Guarapuava e áreas adjacentes onde pode se observar os principais territórios Kaingang aqui tratados

Fonte — Mapa do Campo de Guarapuava e territórios (Müller, 1815)

21 Para as motivações e organização da Real Expedição até o desembarque das tropas, suprimentos e armamentos no Porto de Antonina PR, em julho de 1809, ver Mota (2023).

22 Sobre a marcha da Real Expedição de Conquista de Guarapuava desde o embarque das tropas no Porto de Santos SP, em julho de 1809 até a captura e transferência da família do cacique Engraye (Antonio Jose Pahy) para o Forte de Atalaya em janeiro de 1812, ver Mota (2022).

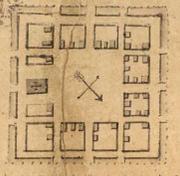


Escala de Leguas de 10 ao Grao

MAPPA
do Campo de
GUARAPUAVA
e
Territorios cat

Longitudes e Latitudes

Localidade	Lat.
Belem	25° 46'
Castro	24° 45'
Curitiba	25° 31'
Desterro	27° 36'
Missionaria	28° 31'



323 324 325 326 327 328 329 330

25 26 27 28 29

Occidente

10 20 30

1766 Sul

ARC 23,5,20

trouxe de São Paulo 900 varas²³ de pano de algodão para confecção de vestuários. A notícia de distribuição de brindes espalhou e trouxe à vila de Guarapuava, mais uma vez, os Kaingang/Votoron. Desta vez vieram apenas buscar seus vestuários e não deram espaço para padre Chagas lhes falar de vida civil e religiosa: imediatamente voltaram para seus territórios, levando toda sua gente e mais dois Kaingang/Camés já batizados (Lima, 1821, p.13).

Os caminhos percorridos pelos Kaingang/Votorons, em suas visitas ao Forte de Atalaia, depois nomeado Aldeamento, eram as trilhas seculares por onde eles transitavam no manejo de seus territórios. Incluía os campos abertos com capões de pinheiro (*Araucaria angustifolia*), onde praticavam a caça e a coleta de pinhões, as áreas de mata mais fechada próximas às corredeiras dos rios onde praticavam a agricultura de coivara com o cultivo de milho, feijões e abóboras, e o leito dos rios e riachos nas corredeiras, onde armavam seus paris de pesca e tinham abundância de peixes.

Quando a Real Expedição instalou o Forte da Atalaia, em junho de 1810, entre os rios Coutinho e Lageado, dois desses caminhos passaram a ser utilizados com mais frequência. O primeiro servia aos grupos assentados na margem esquerda do Goyo-Covó (rio Iguazu), hoje município de Chopinzinho, Mangueirinha e outros, e aos grupos assentados na margem direita do Goyo-Covó (rio Iguazu), entre os rios Sâgroro (Cavernoso) e Goyo-quimim (Jordão), onde hoje se encontra a cidade de

Candói, homônima do cacique Candói. Para chegar ao Forte de Atalaia, os que vinham do Sul atravessavam o Goyo-Covó nas proximidades de onde se ergue hoje a Usina Hidrelétrica de Segredo, seguiam em direção nordeste pelos campos divisores das águas dos rios Sâgroro (Cavernoso) e Goyo-quimim (Jordão), até um abarracamento criado pelos soldados da Real Expedição chamado de Campo Real, hoje localidade de Lagoa Seca nas margens da BR 277, e dali, em direção a leste até o Forte da Atalaia.

O segundo servia aos Kaingang/Votorons assentados ao sul do Goyo-Covó (rio Iguazu), hoje municípios de Cel. Domingos Soares, Bituruna, Porto União, Caçador, Gen. Carneiro, Palmas; e aos grupos assentados nos territórios da margem direita do Goyo-Covó (rio Iguazu) desde o rio Goyo-quimim (Jordão) até as escarpas da Serra da Esperança, nominados na época de Campos do Pinhão, Campos de Águas Bellas. Vindos do Sul atravessavam o Goyo-Covó nas corredeiras onde está hoje a UHE Foz de Areia, seguiam em direção norte pelos Campos do Pinhão, entravam nos Campos de Águas Bellas, atravessavam o Goyo-quimim (rio Jordão) e chegavam ao Forte de Atalaia, e depois de 1819 na Freguesia de Guarapuava.

Esses territórios Kaingang, que margeavam o Goyo-quimim (rio Jordão), foram explorados logo que a Real Expedição de Conquista de Guarapuava subiu a Serra da Esperança e chegou aos campos no dia 17 de junho de 1810. Antes mesmo de se instalarem de forma definitiva no abarracamento de Atalaia, escolheu como local mais apropriado em 2 de julho, o Comandante Diogo Pinto

explorou aqueles campos num percurso de 70 quilômetros.

A 15 de junho marchei do quartel da Esperança para o campo, onde cheguei a 17, dia da Trindade. Apesar de muito frio e gelo, fiz construir a 18 uma abreviada ponte no rio Coutinho e a 19 prossegui pelo campo em cuja derrota fiz uma curta exploração de 9 a 11 legoas (Portugal, 1977 [181], p. 8).

A segunda exploração ocorreu entre 27 de março e 15 de junho de 1811, feita por uma escolta comandada pelo Tenente Manuel Soares do Valle. Ele seguiu do Forte da Atalaia em direção a oeste, até próximo do rio Sâgroro (Cavernoso), num cemitério Kaingang que denominou “Sepultura do gentio”. Depois, rumou para o sudoeste até o rio Jordão, por onde subiu pela sua margem direita, passou pela confluência do rio Pinhão até a chegar a outro ribeirão menor, o qual denominou de Santa Fé (hoje rio Taguá). Então, percorreu sua margem esquerda até sua cabeceira, encontrou o rio Pinhão, por ele desceu até encontrar novamente o rio Jordão por onde seguiu até chegar às proximidades do Forte de Atalaia. Nesse percurso, o Tenente Manuel S. do Valle delineou em seu mapa os Campos do Pinhão situados nas margens esquerda dos rios Pinhão e Jordão (Valle, 1811). Ele só não conseguiu descrever melhor esses campos porque os percorreu no inverno, como informou o Pe. Chagas Lima.

O Tenente Manuel Soares não viu, se não de longe, o fundo do campo denominado Pinhão, nem dá a menor notícia dos dous serros q se avião do alto da divisa, onde

parece terminar este, (...) Como o tempo da sua exploração foi chuvoso, e de garoas continuas não pode estender suas visas ao longe, e a final ainda esse fundo está por indagar-se: o q. so se fara qdo formos embarcados, ou tivermos lugar de ir por terra (Lima, 24/06/1811).

As informações de Diogo Pinto de 1810, as informações e a “Planta” de Manuel Soares do Valle feita um ano depois, e as informações fornecidas pelos Kaingang/Votorons, possibilitou ao padre Chagas Lima

confeccionar seu “Mappa dos Campos de Guarapuava”, em 1821, com maiores detalhes, incluindo nele a toponímia Kaingang dos seus territórios.

Se a documentação dos primeiros trinta anos do século XIX registram a presença dos Kaingang assentados e manejando esses territórios lindeiros do médio Rio Iguazu a jusante e o rio D’Areia a montante, os dados arqueológicos confirmam essa presença em termos espaciais e dão profundidade temporal a essa

ocupação. Os ancestrais dos Kaingang, aos quais pertencia o jovem Fuoc-xó (Victorino Condá), ocupavam e manejavam esses territórios há pelo menos mil anos antes do presente.

Os resquícios dessa presença passaram a ser registrados desde a década de 1960, quando ocorreram as primeiras prospecções arqueológicas na região de União da Vitória, e depois, na década de 1980, foram acrescidas com os estudos arqueológicos realizados por ocasião da construção das hidrelétricas da Usina



23 Antes da implantação do sistema métrico, a medida vara era utilizada para medidas lineares, e equivalia a cinco palmos, em torno de 1,1 metro.

Mapa dos Campos de Guarapuava com a divisão dos terrenos aplicados à Freguesia do Belém, Aldeia da Atalaia e povoadores portugueses, pelo Pe. Francisco das Chagas Lima em 1821

Fonte — Museu Paraense. <http://www.pergamum.cultura.pr.gov.br/pergamum-seec/vinculos/001ca/001ca57.jpg>. Acesso 26 ago. 2023.

Gov. Bento Munhoz da Rocha Neto, conhecida como Foz do Areia, e a Usina Hidrelétrica de Salto Segredo. Seguiram-se inúmeros outros estudos realizados para implantação de hidrelétricas menores nos afluentes, e estudos relacionados à construção das linhas de transmissão de energia, e outros empreendimentos.

Nesses últimos 50 anos, a literatura arqueológica consolidou como pertencentes aos Jê do Sul (Kaingang e Xokleng) os vestígios resultantes de casas semisubterrâneas, dos mounds/enterramentos, de praças cerimoniais, bem como de pinturas e gravuras estampadas em paredes rochosas, dos pari – armadilhas de pesca²⁴ nas corredeiras de rios e riachos. Nesses locais, e em outros sítios de habitação, são encontradas vasilhas cerâmicas e/ou fragmentos delas fabricados pelas antepassadas das mulheres Kaingang e classificadas pela arqueologia como Tradição Itararé²⁵.

Esses marcadores da cultura material dos Kaingang são encontrados nas localidades onde estavam os Kaingang nominados de Votoron pelo padre Chagas. Nos territórios manejados pelos grupos liderados pelo cacique Candoi: entre os rios

Sãgororo (Cavernoso), Goyo-quimim (Jordão) e margem direita do Goyo-Covó (rio Iguauçu), onde estão hoje os municípios de Porto Barreiro, Candói e Foz do Jordão, temos o registro de 41 sítios. Nos campos do Pinhão e Águas Bellas na margem direita do Goyo-Covó (rio Iguauçu), desde o rio Goyo-quimim (Jordão) até as escarpas da Serra da Esperança, nos municípios de Guarapuava, Pinhão e Reserva do Iguauçu, foram registrados 38 sítios. E nos territórios chamados de Goyo-Covó, ao sul do rio Iguauçu, hoje municípios de Chopinzinho, Mangueirinha, Cel. Domingos Soares, Bituruna, Porto Vitória, Palmas, há o registro de 53 sítios.

(Ver TABELA 1 ao lado)

Os dados arqueológicos referenciam 132 sítios nos territórios apontados pela documentação do início do século XIX como de ocupação e manejo dos Kaingang. Dois deles foram datados: um, bem próximo ao Forte da Atalaya, alcança datas em torno de 700 anos AP (antes do presente) e outro na foz do rio Jordão que ultrapassa 900 anos AP.

(Ver TABELA 2 ao lado)

O sítio Eixo da Barragem Fundão 7 é representativo da ocupação Kaingang no médio rio Iguauçu. Está próximo a uma série de corredeiras no rio Jordão, e foi, com certeza, um assentamento utilizado no manejo das armadilhas de pesca, os pari. Essa atividade era realizada a partir do fim do verão e início do outono, em meados de março em diante, quando as águas dos rios começam a baixar e terminava o período da piracema, da desova e reprodução, e

os peixes começavam a descida dos rios e riachos, onde eram facilmente capturados em suas armadilhas – uma época de fartura de proteína animal. Também nessa época começava a coleta de pinhões e a captura de animais nas matas das encostas dos rios.

O sítio, Arroio do Tanque, onde foram identificados fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé relacionada aos Kaingang, está próximo (3 quilômetros) de onde foi construído o Forte da Atalaya. Localiza-se em uma área elevada acima de 1.000m de altitude, distante de rios, podendo, provavelmente, ter sido um assentamento utilizado em épocas de coleta de pinhões.

A distribuição dos sítios arqueológicos no médio rio Iguauçu e afluentes, e nos campos mais distantes de cursos d'água, evidenciam a espacialidade da ocupação Kaingang. Já os dados de datação desses sítios, realizados até o momento, mostram a profundidade temporal dessa ocupação, que ultrapassa 900 anos antes do presente. Isso nos leva a crer que os ancestrais de Fuoc-xó tinham conhecimentos da fauna, da flora, do regime climático, e manejavam os usos dos recursos ambientais dos seus territórios propiciando bem viver aos membros da sua sociedade. A riqueza de seus territórios e o conhecimento que tinham dela lhes dava autonomia para permanecer e/ou se afastar do Forte da Atalaya conforme suas conveniências.

TABELA 1 — SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS AOS KAINGANG NOS MUNICÍPIOS LINDEIROS AO MÉDIO RIO IGUAUÇU

MUNICÍPIO	QTDE	REFERÊNCIAS
Porto Barreiro ¹	16	Chmyz, 1981;
Candói	6	Parellada, 2005
Foz do Jordão ²	19	Chmyz, 1981; Chmyz, 1995; Parellada, 2005; Parellada, 2016
Guarapuava	1	Arqueológica, 2019
Pinhão	25	PARELLADA, 2005; PARELLADA, Et Al. 1988a, B, C; PARELLADA, 1999a
Reserva do Iguauçu	12	Chmyz, 1994; Chmyz, 1995;
Chopinzinho,	6	Chmyz, 1981
Mangueirinha	12	Chmyz, 1994
Cel. Domingos Soares	4	Origem Arqueologia, 2015; SCHWENGBER, V. L. Et Al. 2016
Bituruna,	24	Chmyz, 1968; Chmyz, 1971; Chmyz, 1964; Aroeira, 2015
Porto Vitória,	2	Chmyz, I. 1981
Palmas	5	Chmyz, I. 1994
Total de Sítios Arqueológicos	132	

FONTE — ELABORADA PELO AUTOR

(Foram considerados os sítios arqueológicos cadastrados no CNSA do IPHAN, http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php, e os registrados em publicações e relatórios arqueológicos. Por convenção dos arqueólogos, o presente é 1950, assim todas as datações AP – Antes do Presente significam antes de 1950)

1 O município de Porto Barreiro foi criado pela Lei Estadual nº 11.248, em 13 de dezembro de 1995, quando foi desmembrado de La ranjeiras do Sul. Os sítios arqueológicos prospectados na época da construção da UHE de Salto Santiago, no início dos anos de 1980, estão cadastrados no CNSA no município de Laranjeiras do Sul. As coordenadas de localização são por aproximação utilizando os dados de Chmyz, 1981.

2 O município de Foz do Jordão foi criado através da Lei Estadual nº 11.250, de 15 de dezembro de 1995, quando foi desmembrado de Candói, que se desmembrou de Guarapuava em 27 de agosto de 1990, pela Lei Estadual nº 9.353. Os sítios arqueológicos prospectados na época da construção da UHE de Salto Santiago, no início dos anos de 1980, estão cadastrados no CNSA no município de Guarapuava. As coordenadas em UTM dos dados de I Chmyz (1981), e JC Chmyz (1995), são por aproximação, utilizando croquis presentes nos Relatórios, e as de Parellada (2005), conforme coordenadas apresentadas na publicação.

TABELA 2 — SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS RELACIONADOS AOS KAINGANG COM DATAÇÕES

MUNICÍPIO	NOME DO SÍTIO E COORDENADA UTM	NÚMERO CNSA	DATAÇÃO AP	REFERÊNCIA
Guarapuava	Arroio do Tanque 22J 445724 m E 7203974 m S		710 +-30	ARQUEOLÓGICA, 2019, p. 1-5
Foz do Jordão	Eixo da Barragem Fundão 7 22J E:398840 N:7156460		922 +- 33	PARELLADA, 2016: 159

FONTE — ELABORADA PELO AUTOR

24 Sobre essas armadilhas de pesca utilizadas pelos Kaingang, ver Mota (2022).

25 A possível correlação das tradições ceramistas Itararé, Casa de Pedra e Taquara com as populações Jê no sul do Brasil - Kaingang e Xokleng - é apontada, com certa cautela, por alguns pesquisadores do PRONAPA, no caso do Paraná, por Igor Chmyz (Chmyz, 1963; Chmyz, 1964; Chmyz, 1967; Chmyz, 1968). Mas, foi Tom O. Muller Jr, quem propôs em 1978, que: "(...) as Tradições Cerâmicas Itararé e Casa de Pedra são sub-tradições de uma única tradição cerâmica associada com a utilizada pelos povos de fala caingang-xokleng conhecidos historicamente" (Miller, 1971). Desde então, diversos arqueólogos têm relacionado às populações que fabricaram artefatos cerâmicos, definidos como Tradições Itararé, Taquara e Casa de Pedra, com os ancestrais das populações Jê no sul do Brasil.

O BATISMO DE FUOC-XÓ (VICTORINO), SEU CASAMENTO COM FAC-XÓ E PÁ (RITA DE OLIVEIRA) E O RETORNO AOS CAMPOS DO PINHÃO E ÀS MARGENS DO GOYO-COVÓ

Num sábado pela manhã, dia cinco de fevereiro de 1820, o padre Francisco das Chagas Lima reuniu os presentes na Capela da Aldeia da Atalaya, em Guarapuava, para batizar solenemente um jovem Kaingang chamado de Fuoc-xó. Após receber os “santos óleos”, ele foi nominado de Victorino. Tinha, nessa data, entre quinze e dezesseis anos, era filho de “Erein e sua mulher Guerein, índios selvagens deste continente”, conforme anotou o padre Chagas no seu livro de batismo (Lima, 1809a, p. 46). Naquele sábado foi realizado apenas o batizado de Fuoc-xó, que teve como padrinho o tenente Antônio da Rocha Loures, comandante das forças da Real Expedição acantonadas em Guarapuava.

Nesse mesmo dia, na mesma Capela, o padre Chagas Lima também realizou o casamento de Fuoc-xó (Victorino) com Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira). Ela deveria ter em torno de dezoito a vinte anos, era filha de Longuebú e de sua mulher Uófé. Tinha sido casada com o cacique Engrayê – conhecido pelos guarapuavanos como Antônio Jose Pahy²⁶. Foram testemunhas desse casamento o Tenente Antônio da Rocha Loures e

o ajudante de cirurgia Gabriel Jose Mendes (Lima, 1809c).

Quando do seu casamento, Fuoc-xó (Victorino) já estava morando desde 1819 em Atalaya. Lembremos que, em 1818, o padre Chagas Lima tinha viajado para São Paulo para resolver as questões relacionadas à transferência da Real Expedição do Forte de Atalaya para o quartel de Linhares. No seu retorno, trouxe brindes para agradar e atrair de volta os grupos Kaingang, que tinham se afastado. Nessa visita, o jovem Fuoc-xó acabou por ficar no Aldeamento. Conforme o padre Chagas, ele “(...) se instruiu na Doutrina Christã, passado o tempo de catechumenado, foi baptizado, tomando no Baptismo o nome Vitorino, e cazou com a viúva do fallecido Cap. Antonio José Pahy, o qual viveu em boa paz hum ano, pouco ou mais” (Lima, 1821, p. 10).

No ano seguinte, em 1821, “vierão occultamente a Atalaya alguns índios Votorons” e convenceram Fuoc-xó a acompanhá-los para suas aldeias além do rio Jordão. Nas palavras de Chagas Lima, ele “miseravelmente cedo a sedução” e levou consigo sua mulher legítima Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira), mas não levou as filhas dela com Engrayê: as meninas Cavén (Margarida), de sete anos, e Lourença, de três anos, ficaram com o irmão Netxian (Francisco) e a irmã Gatan (Barbara) (Lima, 1821, p. 16)²⁷. E o que deixou o padre Chagas Lima irritado foi que ele levou consigo mais dois índios Kaingang/Camés de nome Herimbanc (Nicolau) e Eandará (Miguel) tendo eles deixado suas mulheres “legítimas” na aldeia da Atalaya. Essa retirada ocorreu em

1821, um ano após seu casamento, e está relacionada com a troca da liderança indígena em Atalaya. Tinha assumido a chefia do aldeamento o cacique Luis Tigre Gacom.

As notícias da evasão e da vida dos três jovens guerreiros Kaingang nos campos do Pinhão chegou ao padre Chagas tempos depois. Eles tinham se associado a outras mulheres, cada um com duas mulheres “pagans, ou mais como bem lhes pareceo” (Lima, 1821, p. 10). O afastamento de Fuoc-xó (Victorino) da aldeia de Atalaya, evidencia seu não alinhamento com a liderança de Gacom, com o qual não tinha parentesco e/ou aliança política. Este cacique inclusive se ofereceu ao padre Chagas para ir “buscar e reduzir” (Lima, 1821, p. 10), isto é, trazê-los de volta para Atalaya.

A VIDA NOS CAMPOS DO PINHÃO E NAS MARGENS DO GOYO-COVÓ — 1821 A 1825

Ao convidar para padrinho de batismo e testemunha de seu casamento o tenente Antônio da Rocha Loures, Fuoc-xó (Victorino) tinha estabelecido alianças externas com os militares da Real Expedição no Forte de Atalaya. Depois de casado e com sua retirada para os seus territórios originários, passou a construir suas alianças internas junto aos Kaingang/Camé do clã de sua esposa Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira), e com os Kaingang/Votorons nos Campos do Pinhão e Goyo-Covó através dos clãs de suas novas esposas. Nessa nova fase de sua vida, ele ampliou sua família, “associou a sua mulher legítima, outra pagã de nome

Iagnivé” (Lima, 1821, p. 14). Dessa união não temos informações se teve filhos e o destino dessa jovem não aparece nos documentos da época.

Em 1819, a Real Expedição, soldados e demais moradores não indígenas que viviam no Forte da Atalaya tinham se mudado para a Freguesia de N.S. do Belém de Guarapuava, a aproximadamente dez quilômetros de distância, deixando o antigo Forte como Aldeamento para os Kaingang comandados pelo cacique Luiz Tigre Gacom. Mas os Kaingang/Votorons do Sudoeste continuaram suas visitas aos militares e ao padre Francisco das Chagas Lima, então na recém-criada freguesia de Guarapuava. Assim noticiou Chagas Lima a visita de “36 índios pagaons e semibárbaros daqueles Votorons q dali se ausentarao em 1819 depois q receberão o vestiário q naquele anno se distribuiu” (Lima, 1822, p. 1). O padre diz não saber das intenções dessa visita, mas temia que eles seduzissem os indígenas já batizados a abandonarem o aldeamento e os seguissem para os “certoens”.

Os Kaingang/Votorons visitavam a freguesia de Guarapuava, ganhavam presentes²⁸, batizavam seus filhos menores, iniciavam sua catequização, e, em seguida, abandonavam tudo e voltavam para seus emãs nos Campos do Pinhão ou nas margens do Goyo-Covó, onde suas “ocupações eram a dança e a pesca” (Lima, 1842, p. 49). Isso causava desânimo ao padre Chagas que relatou sua dor de

(...) ter visto em 1823 a horda dos Votorons, composta de 121 indivíduos, entre os quais se contavam 58 baptizados, se desmembrarem da Aldeia da Atalaya, indo acoutar 16 ou 18 léguas em distancia para as partes do Sul, embrenhada nos bosques anexos aos campos que se chamam do Pinhão (Lima, 1826, p. 3).

Mas o contrário também ocorria. Em maio de 1822, os Kaingang/Votorons receberam a visita dos Kaingang/Camé de Guarapuava comandados por Luiz Tigre Gacom, que lhes convidou para engrossar sua escolta que iria atacar os Kaingang/Dorins nos Nerinhé. Estes, sabedores da expedição de Gacom, se retiraram de suas aldeias, e Gacom, não conseguindo encontrá-los, retornou para Atalaya. No caminho de volta foi encontrando vestígios das emboscadas que os Kaingang/Dorins tinham preparado (Lima, 1825, p. 3).

A vingança dos grupos dos Nerinhé aconteceu em novembro de 1822, quando oito ou dez guerreiros Kaingang/Dorins, no meio da noite, entram na Aldeia da Atalaya e foram direto para casa de Doiangrê (Jacinto) e mataram ele e sua mulher a bordoadas. Doiangrê era uma das principais lideranças que apoiavam o cacique Gacom. E em abril de 1825, os Kaingang/Dorins atacaram e destruíram a Aldeia da Atalaya, matando 28 pessoas, dentre eles o cacique Luis Tigre Gacom e suas principais lideranças.

Em fins de 1825 temos notícias da invasão dos Campos do Pinhão por fazendeiros vindos de fora da freguesia de Guarapuava. Era a expansão da elite campeira para uma nova área de pastagens naturais até então ocupada pelos ancestrais de Fuoc-xó

(Victorino). O padre Francisco das Chagas comunicou essa invasão ao Presidente da Província, o Sr. Lucas Monteiro de Barros, em maio de 1825, e solicitou que ele expedisse

(...) ordem expressa, para que todos aquelles moradores ou forasteiros, que entrarão para o Campo do Pinhão, com ordem ou aprovação do comandante, ou sem hua cousa ou outra, dali se retirarem trazendo seus gados (Lima, 1825, p. 12).

O padre Chagas temia que os ocupantes daqueles campos pudessem fazer “algua acção imprudente que pareça rompimento da paz, (...) com os Votorons que ahí tem seu couto” (Lima, 1825, p. 12). As ordens foram emitidas, mas a invasão continuou. Os Kaingang/Votorons foram se afastando das novas fazendas ali implantadas, e Fuoc-xó (Victorino), com sua família ampliada, retornou à Freguesia de Guarapuava.

Nesse ambiente de lutas faccionais e de luta contra os invasores, o jovem guerreiro Fuoc-xó estava construindo sua liderança e se habilitando na arte da guerra.

O RETORNO À FREGUESIA DE GUARAPUAVA EM 1826

Em início de 1826 Fuoc-xó (Victorino) volta novamente à freguesia de Guarapuava. Ali, no dia 23 de abril, no Oratório da Igreja Matriz, o padre Chagas Lima batizou solenemente e pôs os santos óleos no seu filho Fanguinbanc (Francisco), de dez meses de idade. Esse menino era fruto de seu relacionamento com Venhuhé (Delfina), uma das mulheres que vivia com ele nos campos do Pinhão.

26 Engrayê foi a principal liderança Kaingang no Forte da Atalaya de 1812 até 1819, quando foi morto em combate, em abril de 1819, por ocasião de sua expedição para aprisionamento de mulheres e crianças aos territórios dos índios chamados de Tac-Taias, a “26 léguas em distancia da Atalaya” (170 Km aproximadamente) nas margens do rio Ytatu (Cantú) (Lima, 1821, p.13).

27 Sobre a trajetória das filhas de Rita Fac-xó com Engrayê (Cacique Pahy) ver Campos e Santos (2016, p. 26).

28 Na sua Memória publicada em 1842, padre Chagas Lima elenca o que seriam esses presentes para quem frequentasse a catequese: “taes como rosários, verónicas, estampas de santos, missangas, fitas, espelhos e outras quinquilharias, e, na falta disso assucar e rapaduras, e assim eram diariamente convocados para a igreja ao toque do sino” (Lima, 1842, p. 58).

Para padrinho da criança, ele convidou o jovem Francisco Ferreira da Rocha Loures, então solteiro, com dezoito anos de idade, morador da freguesia e filho do Capitão Antônio da Rocha Loures. (Lima, 1809a) Dessa forma, Fuoc-xó renovava sua aliança com a família dos Rocha Loures, a qual detinha o comando militar em Guarapuava naquela época.

No meio do ano de 1826, ele viu chegar à freguesia de N.S. do Belém de Guarapuava vários grupos Kaingang/Dorins vindo dos Nerinhé – Campos da Laranjeiras. Nesse ano, eles fizeram três visitas: em março, maio e julho. Nelas, conversaram com as autoridades locais “oferecendo-se e pedindo” (Lima, 1826, p. 4) para serem admitidos na Freguesia.

Os Kaingang/Dorins queriam ter acesso aos bens da sociedade campeira. Depois de destruírem a Aldeia de Atalaya e matar as lideranças e o cacique Luiz Tigre Gacom, traçaram a estratégia de aproximação. Fuoc-xó (Victorino) deve ter presenciado essas visitas e as conversas trocadas. Ele sabia que as “vontades de aproximação” apresentadas pelos Kaingang/Dorins eram efêmeras e fugazes, porque logo que conseguissem seus brindes eles retornariam aos Nerinhé. Seu grupo, os Kaingang/Votoron, já tinha feito isso várias vezes. Mas ele sabia também que as autoridades de Guarapuava eram ávidas na busca de novos aliados indígenas e utilizavam-se de suas divergências para enfraquecê-los e apossarem-se de seus territórios. A aproximação dos Kaingang dos Nerinhé com as autoridades da Freguesia representava um perigo para os Kaingang aldeados. Ele observou as ações deles e aguardou a oportunidade para agir.

Enquanto isso, continuou a ampliar sua família e a ter novos filhos com novas mulheres²⁹. Quase um ano depois, no dia 5 de março de 1827, ele estava de volta ao Oratório da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava para batizar outro menino, de nome Gueinpranc (João). O menino, de um ano de idade, era filho de um relacionamento com outra mulher, chamada Fucécó (Catarina), foi batizado solenemente e recebeu os santos óleos do padre Chagas de Lima. Os padrinhos foram novamente escolhidos com esmero para reforçar sua aliança com o Capitão Antônio da Rocha Loures. Assim, convidou como madrinha a sexta filha do Capitão, Maria Francisca Rocha Loures, e para padrinho o marido dela, João Carvalho de Assunção (Lima, 1809a). O menino Gueinpranc (João) teve uma vida curta, pois faleceu no ano seguinte, em 22 de agosto de 1828, e foi sepultado no cemitério da Freguesia (Lima, 1809c).

Passados três meses, em 16 de junho, ele estava de novo Igreja Matriz de N.S. do Belém, agora para batizar sua filha recém-nascida, de doze dias, que recebeu o nome de Theresa. Essa menina era sua filha com Venhuhê (Delfina), com quem ele já tinha outro filho Fanguinbanc (Francisco). Mas o padre Chagas Lima fez questão de anotar no seu Livro de Batismo que ela era solteira, porque, para ele, Fuoc-xó tinha como mulher legítima apenas a Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira), casamento celebrado por ele em fevereiro de 1820. Dessa vez, ele resolveu convidar para madrinha da menina Theresa uma índia de nome

²⁹ Sobre questões de parentesco e política indígena, ver Fernandes (2003).

Iagnan (Genoveva), que era casada com Felix Pereira, e para padrinho convidou Manuel Ribeiro da Silva. Com isso, ele estendia seus laços de compadrio com famílias Kaingang e com moradores não indígenas pobres da Freguesia de N.S. do Belém.

Apesar de ter filhos com Venhuhê e Fucécó, Fuoc-xó continuava casado com Fac-xó e Pá. Com ela, teve uma filha de nome Durá (Leocádia), que foi batizada em 16 de agosto de 1827, quando já tinha 4 anos. Foi um batismo solene, mas em casa particular “por causa de enfermidade” (Lima, 1809a, p. 73). Devido à pressa em batizar a pequena Durá, que estava doente, ela teve um padrinho único, o Diretor da Aldeia, Manuel Antônio Vila Nova.

Assim estava a vida de Fuoc-xó (Victorino Condá) quando do seu retorno dos Campos do Pinhão para a Freguesia de N.S. do Belém de Guarapuava, em 1826. Com idade aproximada de 22 anos, com 4 filhos menores e relacionando-se com três mulheres, ele buscava ampliar suas alianças com as autoridades e moradores indígenas e não indígenas da freguesia, e buscava se firmar como liderança do seu povo que estava aberta com a morte de Luís Tigre Gacom.

OS TRABALHOS NAS ROÇAS REIÚNAS E O ATAQUE AO GRUPO DE KAINGANG/DORINS HOSPEDADO NA FREGUESIA

Com filhos para criar e uma família para sustentar, Fuoc-xó (Victorino) conseguiu uma ajuda com seu padrinho Antônio da Rocha Loures, e passou a trabalhar como assalariado da Real Expedição nas roças

reíunas. Junto com ele estavam mais treze homens dos grupos Kaingang/Camês e Kaingang/Votorons.

No início de outubro de 1827, os Kaingang/Dorins chegaram novamente na Freguesia de Guarapuava. Eram considerados “bárbaros” por ainda não terem sido catequisados e tinham toda a atenção do padre Chagas Lima, que pretendia trazê-los à cristandade. Eles tinham o costume de visitar Guarapuava em busca de bens e utensílios de ferro, e dessa vez vieram num grupo de vinte e duas pessoas: três homens adultos, quatro rapazes menores de 14 anos, dois menores de 7 anos, quatro mulheres mais velhas, uma mais jovem, cinco mocinhas, duas crianças meninas, e uma criança de três anos. Prevendo conflitos com os Kaingang aldeados, o padre Chagas e o cabo Ellias de Araújo, que estava no comando da guarda, resolveram abrigá-los numa casa na Freguesia de Guarapuava, retirada da aldeia.

Apesar desses cuidados, os indígenas aldeados passaram a visitar o grupo de Kaingang/Dorins e: “Com

sobra de malícia se derão de grande amizade com os bravos, repetindo visitas sobre visitas e levando os homens e mulheres a roça reiuna onde estavam os trabalhadores” (Araujo, 1827, p. 1).

Passados alguns dias de fingida amizade, tornados conhecidos os homens Kaingang/Dorins pelos Kaingang/Camês e Votorons, aconteceu o massacre chamado de “desastroso sucesso” pelas autoridades de Guarapuava.

(...) no dia 8 do corrente mez de Outubro deste presente anno de 1827, pelas honze oras da noite vieram sub-repticamente pelos contornos desta Freguesia sertos facciosos q dirigindo se a Casa em q estavam apozentados os índios bravos e entrando nela depois de haverem posto de parte as mulheres asassinarão a golpes de fouces e facadas os três homens adultos e um rapaz menor de 14 anos, hua mulher q veio a sair pela porta (...) a matarão com duas facadas fazendo cair no mesmo lugar. (ARAUJO, 1827, p. 1).

As mulheres atacadas, restabelecidas do susto, correram a dar parte ao vigário Chagas Lima, que se achava enfermo. Este acionou a guarda e correu para a casa onde hospedava os Kaingang/Dorins para dar extrema-unção aos mortos e batizar um dos feridos que ainda vivia, mas que logo morreu.

No dia seguinte, sepultaram os mortos e a guarda da vila, sob o comando do cabo Ellias de Araújo³⁰, que ordenou recolher todos que estavam trabalhando na roça reiúna. Dos 14 trabalhadores, 11 tinham fugido, logo, foram encontrados na roça apenas três homens: Fuoc-xó (Victorino) com sua mulher, Iotain (Manoel) com sua mulher, e um “pagão” de nome Xocang, também com sua mulher. Ficaram sabendo que, naquela noite, tinham fugido da roça

³⁰ Ellias de Araújo tinha patente de cabo e estava no Comando Interino das forças militares da Real Expedição porque, um dia antes desse acontecimento, o Comandante Geral, o Capitão Antonio da Rocha Loures tinha partido de Guarapuava para os Campos Gerais em busca de um vigário para confessar o padre Chagas Lima, que estava adoentado.

TABELA 3 — TRABALHADORES DA ROÇA REIÚNA QUE FUGIRAM APÓS AO ATAQUE

DO RANXO DOS VOTORONS	DO RANXO DOS CAMÊS
1. Daniel = Morem, viuvo	8. Casemiro – Herefeí cazado
2. Teles = Vengrem, cazado	9. Bruno = Ningrem, alcunha Leitinho, cazado
3. Diogo = Xope, cazado	10. Henrique Futuin, cazado
4. Veri seu irmão, soltero ainda pagão	11. Hermenegildo = Bronguia, por alcunha Ferrerinho, cazado
5. Caprá outro irmão menor de 14 anos ainda pagão	
6. Manoel Coquinbang outro irmão menor de 14 anos	
7. Agostinho – Ia haim, casado	

FONTE — ELABORADA PELO AUTOR COM BASE EM ARAUJO (15/10/1827)

outros 11 indígenas, os quais tinham levado consigo suas foices. A Tabela 3, a seguir, lista os trabalhadores fugidos. De imediato as autoridades da Freguesia de Guarapuava concluíram que os onze fugitivos foram os responsáveis pelo assalto e mortes dos Kaingang/Dorins na noite de 8 de outubro de 1827. E os três que não fugiram, Fuoc-xó, Iotain e Xocang, ficaram presos como cúmplices. O cabo Ellias de Araújo desconfiou que: "(...) se hé q Vitorino Condá não foi o principal motor desta desordem" (Araujo, 1827, p. 3).

Acostumado a lidar com os Kaingang de uma perspectiva militar, o cabo Ellias de Araújo grafou o nome de Fuoc-xó (Victorino) com o nome que ele tinha adotado desde o seu regresso em 1826, o nome Kaingang Condá. Esse parece ser o primeiro documento onde aparece a grafia Victorino Condá. Dois meses antes, o padre Chagas, tinha registrado no seu livro de batismo o nome Kaingang de Vitorino como Fuoc-xó, como vinha fazendo desde 1820, quando o batizou e o casou. O cabo Ellias levantou a suspeita de ser Victorino Condá o principal motivador das mortes dos Kaingang/Dorins, tanto que o manteve preso como suspeito. Isso revela a liderança de Condá entre os Kaingang aldeados em Guarapuava, tanto entre os chamados Votorons, do qual ele fazia parte, como dos Camés, grupo da sua primeira esposa Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira). Revelador dessa liderança também é o nome que ele estava utilizando e como ele era tratado pelos guerreiros Kaingang, o que não passou despercebido pelo cabo Ellias de Araújo.

A PRISÃO, O EXÍLIO, A FUGA DE SÃO PAULO E O RETORNO PARA A FREGUESIA DE GUARAPUAVA

As autoridades da Real Expedição oficializaram as ocorrências do ataque e morte dos Kaingang/Dorins às autoridades do governo provincial e enviaram Victorino Condá, seus guerreiros e famílias presos a ferro para São Paulo, "a fim de serem punidos" (Lima, 1842, p. 52).

A situação em Guarapuava após as mortes dos Kaingang/Dorins e a prisão de Victorino Condá e seus guerreiros era de extrema precaução. O soldado Francisco Manoel de Assis França, em uma carta escrita para sua mãe, em 10 de julho de 1828 (França, 1828, s.p.), descreveu a situação de sobressalto que vivia a população da freguesia. Dias antes eles tinham sido atacados por cinco "índios bravos". Capturaram três deles e chumbaram os outros que escaparam, mas deixaram feridos a flechas dois moradores. A ameaça continuou, relatou o soldado, pois os "índios bravos" tinham "prometido nos matarem todos", tanto que para se acautelar informou a sua mãe que tinha mudado sua cama para o armazém, uma construção de "pedra e cuberta de telha" não sujeita a incêndios. E assim que começava a escurecer, no toque da "Ave Maria fexo-me e conservo hua arma de fogo carregada" (França, 1828, s.p.).

O perigo de serem atacados pelos grupos Kaingang vindos dos Nerinhé – Campos das Laranjeiras, que estavam em busca de vingança dos seus parentes mortos em outubro de 1827, acentuou-se quando as autoridades da Real Expedição receberam ordens de São Paulo para "remeter todos os índios manços

que aqui se achassem". (França, 1828, s.p.). Tinha sido "remetidos" para São Paulo capital, no mês de junho de 1828, vinte e cinco "índios e todos cazados e levarão suas mulheres e mains que forão a sima de 60 pessoas" (França, 1828, s.p.). Tinha ficado na freguesia de Guarapuava a metade dos índios aldeados, em torno de vinte homens e suas famílias, mas o soldado França não confiava neles para a defesa da freguesia. Para ele, esses homens eram "traidores".

Dentre os levados para São Paulo devia estar Victorino Condá e seus companheiros que tinham participado do massacre dos Kaingang/Dorins em outubro de 1827. Provavelmente, o cabo Ellias de Araújo, que comandou a diligência, teve dificuldades para levar os sessenta indígenas para São Paulo. Alguns deles, talvez as lideranças, os chefes de família, tiveram que ir acorrentados. Essa informação foi confirmada pelo Capitão Antonio da Rocha Loures, em janeiro do ano seguinte, quando reclamou que: "As correntes e colares que forao nos índios o sargento não trouxe diz ele que ficara nesta cidade (São Paulo)" (Loures, 1829, s.p.). O Capitão queixou que as correntes que tinham sido trazidas pela Real Expedição em 1810 tinham sido levadas, e que ele não podia estar sem elas em Guarapuava. Em dezembro de 1829, essas "correntes e colares" utilizadas na condução dos Kaingang presos e dirigidos para São Paulo, ainda não tinham sido devolvidas ao armazém da Real Expedição em Guarapuava (Loures, 1829, s.p.).

A escolta com os presos passou pela vila de Itapetininga, onde o cabo Ellias de Araújo solicitou ao Sargento Mor Domingos Afonso Rosa recursos para poder seguir a

viagem. Foram lhe disponibilizados 4\$320 (quatro mil trezentos e vinte reis) para cobrir as despesas com a condução dos indígenas de Guarapuava a capital da província (Rosa, 1829, s.p.). Eles devem ter chegado à capital da província em julho de 1828.

Meses depois, na Sessão Ordinária do Conselho do Governo da Província de São Paulo, realizada em 4 de outubro de 1828, foi lido o discurso do presidente da província Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade. Nele há a avaliação que o governo provincial tinha sobre o serviço da catequese e civilização que era realizado em Guarapuava. Para o governo provincial paulista, os indígenas se retiravam para "suas antigas habitações no Sertão" quando era o tempo "próprio de trabalho", isto é, quando era necessário o trabalho de preparação e cultivo das roças, e só apareciam de novo na vila "para consumirem o produto das colheitas de plantações a que se negavão, e erão feitas pelos jornaleiros pagos pela Fazenda Nacional" (Andrade, 1828, s.p.). Não se sujeitavam, pois, à vida "regular e bem ordenada", como queriam as autoridades da Real Expedição e como pregava o padre Chagas em seus sermões sobre a catequese e civilização dos indígenas. Na avaliação do Conselho, os nativos só queriam viver à custa do Estado, e, além disso, "princiariam a massacrar cruel, e atraçoadamente a todos os índios bravos, que procuravam o Aldeamento" (Andrade, 1828, s.p.). O presidente da província repercutia as mortes dos Kaingang/Dorins pelo grupo dos Kaingang aldeados. Essa ação dos aldeados contra os "índios bravos", na sua avaliação, embaraçava ou dificultava a "civilização do

grande número, que ainda existe nas mattas" (Andrade, 1828, s.p.).

Com essa avaliação negativa dos Kaingang aldeados em Guarapuava, ele informou o Conselho do Governo da Província de São Paulo que tinha tomado

(...) a deliberação de remove-los para esta Capital, onde eu os mandei vestir, e engajei alguns com particulares, vencendo um jornal razoável, e os mais enviei para o Cubatão a fim de trabalharem na Estrada, vencendo os homens o mesmo jornal de 360 rs (reis) por dia: arbitrado aos trabalhadores, e as mulheres o de 240 rs (reis), dando lugar para fazerem suas casas (Andrade, 1828, s.p.).

O presidente da província ainda ordenou que se organizasse, em Cubatão, um Aldeamento para os Kaingang trazidos de Guarapuava. No entanto, esse aldeamento deveria ficar sob as ordens do Inspetor da Estrada, porque não queria que se repetisse o que ocorria em Guarapuava, "visto que, quando se lhes proporcionasse arranchamento em outra parte, continuarião na sua vida ociosa, e errante, tendo a Fazenda Nacional de sustentá-los por muito tempo" (Andrade, 1828, s.p.).

O presidente Andrade presumiu que as roupas doadas, os salários pagos no trabalho na estrada de Cubatão a Santos, a concessão de parcelas de terras para fazerem as suas casas, a ordem para criação de um aldeamento e outros "afagos" e tratamentos, conseguiriam manter os Kaingang exilados na quente e úmida baixada santista. No entanto, "nem o melhor tratamento puderão obstar, que tanto os que para ali forão fugissem imediatamente, sendo

apenas apanhados quatro homens, e trez mulheres, que existem no Cubatão" (Andrade, 1828, s.p.). Fugiram tanto os que foram alocados no trabalho na estrada como aqueles que tinham ficado em casas particulares em São Paulo.

Em 3 de janeiro de 1829, o capitão Antônio da Rocha Loures, ao responder ofício do Presidente da Província de São Paulo, de agosto de 1828, informou-o que os "índios que fugirão dessa cidade (São Paulo) já se apresentaram nesta Freguesia (Guarapuava) cinco homeins e três mulheres" (Loures, 1829, s.p.). Explicou que não havia cumprido a ordem de enviá-los de volta presos para a capital porque eles estavam no sertão, e ele esperava que se juntassem a eles os outros fugitivos. Também explicou que não tinha as correntes para prendê-los, elas tinham ficado em São Paulo, "porque sem os ferros eles não vam" (Loures, 1829, s.p.) Em dezembro de 1829, Rocha Loures voltou ao assunto dos índios fugidos de São Paulo, alguns deles "tinham se apresentado" na freguesia de Guarapuava, mas a maior parte "deles logo fugirão p.o matto", e "tem eles andado rondando varias casas q. estão nas vizinhanças desta freguesia" (Loures, 1829, s.p.).

A saga de Victorino Condá em São Paulo pode ser resumida assim: em junho de 1828, a escolta do cabo Ellias de Araújo partiu de Guarapuava levando consigo os sessenta Kaingang para o degredo em São Paulo. Em 30 de agosto de 1828, o governo de São Paulo enviou ofício ao comandante da Real Expedição, informando a fuga dos indígenas. Em outubro desse mesmo ano, o presidente da província discursou na reunião do Conselho de Governo e confirmou a fuga deles. Em 3

Relação dos Índios que se achão existentes na Freguesia de Nossa Senhora de Belém nos Campos de Guarapuava aos 19 de Outubro de 1830.

Indiões	Sexo	Idade	Outros
Victorino Condá	♂	25	
Rita Faç-xó sua mulher	♀	30	
Margarida filha	♀	16	
Luísa	♀	11	
Leocadia	♀	7	

Relação dos índios na Freguesia de Guarapuava em 19 de outubro de 1830
Fonte — Loures (1830)

de janeiro de 1829, o Capitão Rocha Loures escreveu ao governo paulista dizendo que os nativos já tinham se apresentado na freguesia de Guarapuava. Em menos de seis meses, tinham sido levados presos para São Paulo, de lá para o litoral, de onde tinham fugido e retornado a Guarapuava.

A fuga de Victorino Condá e os Kaingang exilados em São Paulo encerrou mais uma das tentativas das autoridades provinciais e das elites campeiras de “domesticar” ou “civilizar” os Kaingang. O processo de ocupação dos territórios indígenas pressupunha a transformação deles em cidadãos civilizados e catequizados na religião cristã. O discurso do Bispo e Presidente da Província paulista revela a intencionalidade de impor um sentido e de estabelecer o significado e valores da “ocidentalização do mundo”, da “modernidade”: com o trabalho e a formação moral dos cidadãos. Mas defesa dos seus territórios e de seus modos de

vida e o não querer a vida “regular e bem ordenada” oferecida pelas autoridades da província eram partes estruturantes do modo de pensar o mundo dos Kaingang. O discurso do Bispo/Presidente nos traz pistas e possibilidades, como indica Walter Benjamin, de nos apropriarmos de “reminiscências” da ação dos indígenas “tal como ela relampeja no momento de um perigo (...) fixar uma imagem do passado como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico” (Benjamin, 1987, p. 224). Fugir do trabalho na estrada de Cubatão e fugir do trabalho doméstico em casas paulistas era fugir do perigo da morte e voltar para os Koran-bang-rê, para os Campos do Pinhão, para as corredeiras do Goyo-covô, onde estavam enterrados seus umbigos e onde eram seus territórios tradicionais. Era retornar a vida.

Desde o seu retorno à Freguesia de Guarapuava, após a morte do cacique Luiz Tigre Gacon, em 1825, Victorino Condá vinha consolidando

sua liderança entre os Kaingang/Votorons e Camés em Guarapuava e territórios adjacentes.

Considerando que a formação de uma liderança entre os Kaingang “se constrói nas relações internas à aldeia e se conformam na relação com o mundo não-índio” (Baptista, 2015, p. 28), ele construiu esse caminho agindo de várias formas nas condições sócio-históricas que lhe eram possíveis.

Primeiro, só retornou em 1826, depois da destruição da Aldeia de Atalaya pelos Kaingang/Dorins, com a morte de 28 pessoas, dentre elas as principais lideranças e o cacique Luís Tigre Gacom. Segundo, na Freguesia de Guarapuava batizou seus filhos nascidos nos Campos do Pinhão, convidando para padrinhos o Capitão Rocha Loures e seus filhos Francisco e Maria, e o Diretor da Aldeia, o que reforçava, dessa forma, a sua aliança com a principal autoridade da Real Expedição de Conquista de Guarapuava. Mas ele convidou,

também, para padrinhos de seus filhos, membros de famílias de casamentos mistos entre mulher indígena e homem não indígena, estendo assim suas alianças de compadrio com a população pobre da Freguesia de Guarapuava. Estabeleceu, desse modo, as suas relações com o mundo não indígena na vila de Guarapuava. Terceiro, passou a usar o nome indígena Condá, escolhido por ele para nomeação de sua liderança. A partir daí, não foi mais citado na documentação por Fuoc-xó. E por último, se confirmada a suspeita do cabo Ellias de Araújo de ter sido ele o “principal motor” (Araujo, 1827, s.p.) do ataque contra os Kaingang/Dorins, ele estava executando a vingança que deveriam fazer contra os Kaingang/Dorins pela destruição e mortes na aldeia da Atalaya em abril de 1825. Dessa forma, construía sua liderança de guerreiro internamente entre os Kaingang aldeados em Atalaya.

O ataque contra o grupo Kaingang/Dorin dos Nerinhê ocorreu depois das tentativas de aproximação deles com as autoridades militares e religiosas da Freguesia de Guarapuava. “Este sucesso de tal maneira amedrontou os Dorins que nunca mais voltaram, nem voltarão a aldêa” (Lima, 1842, p. 52). Victorino Condá colocou uma cunha na pretendida aliança com os Kaingang dos Nerinhê, e sinalizou para as autoridades da Freguesia que, se quisessem acordos com os Kaingang, deveriam fazer com ele, com seu grupo, agora formado pelas “hordas” dos Kaingang/Votorons e Camés.

Na “Relação dos Índios” que viviam na Freguesia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava, feita pelo Capitão Antônio da Rocha Loures

em outubro³¹ de 1830, Condá e sua família com Rita Fac-xó³² aparecem no topo da listagem, indicando ser ele a principal liderança dos Kaingang aldeados em Guarapuava naquele momento.

Assim, iniciava-se uma nova etapa na sua vida, uma saga que estenderia num amplo território, que ia desde São Paulo até os territórios além do Goyo-en (Rio Uruguai), a qual duraria mais quarenta anos, até sua morte em 1870.

³¹ Almir A de Souza (2015, p. 179), data esse documento como sendo de 19 de abril de 1830, no entanto verificando o original e de acordo com GARCIA, 2008, entendemos ser ele de 19 de outubro de 1830.

³² Não são listados na Relação de Rocha Loures as outras mulheres e filhos de Condá por não serem reconhecidos pelas autoridades religiosas que faziam os registros de casamento. Para a Igreja Católica de Guarapuava, a única e legítima mulher de Victorino Condá era Rita de Oliveira.

considerações finais

Nascido nos territórios Kaingang do Goyo-Covó (Rio Iguaçu), a trajetória de vida de Fuoc-xó – conhecido por Victorino Condá – foi intensa, atravessou, e teve interseções, em muitas situações históricas ocorridas nas relações socioculturais vividas pelos Kaingang e os invasores de seus territórios nas primeiras sete décadas do século XIX.

Ainda menino chegou com seus pais e os Kaingang chefiados pelo cacique Candoi ao Forte da Atalaya. Ali ficou alguns meses e sobreviveu às doenças que ali se alastraram em fins de 1812. Com seu grupo retornou aos territórios do sudoeste nos primeiros meses de 1813. Aos doze anos, em 1817, presenciou a morte do seu cacique Candoi e mais trinta guerreiros num combate contra os Kaingang/Dorins, então teve que fugir e buscar refúgio, novamente, no Forte da Atalaya. Fuoc-xó sobreviveu a guerra intertribal entre os Kaingang/Votorons do Goyo-Covó e os Kaingang/Dorins dos Nerinhé. Com doze anos estava tornando adulto e aprendendo a ser um guerreiro Kaingang/Votoron.

Aos quinze anos, em 1820, casou-se com Fac-xó e Pá (Rita de Oliveira), viúva do cacique Engraye

(Antonio Pahy), morto em combate contra os grupos Kaingang, a oeste do rio Cavernoso. Viveu com Fac-xó e Pá e suas filhas em Atalaya por um ano, quando retornou aos Campos do Pinhão e começou a constituir seu grupo. Lá ficou até 1826, voltou à freguesia de Guarapuava depois da morte do cacique Luiz Tigre Gacom. Ali trabalhou nas roças da Real Expedição até 1827, quando foi acusado da morte de Kaingang/Dorins e foi levado preso para São Paulo. De lá, fugiu e reapareceu em Guarapuava, como a principal liderança Kaingang dos Koran-bang-rê e do Goyo-Covó. Nos anos seguintes estabeleceu-se de novo nos territórios ao sul do rio Iguaçu, onde ficou até 1844. Em seguida, acompanhou seu compadre Francisco Ferreira da Rocha Loures na abertura da picada que ligaria Palmas no PR até Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Nesse estado, foi contratado pelo governo provincial para agrupar os Kaingang em Nonohay. Lá fez novas alianças, casou suas filhas com lideranças locais e participou de vários eventos nos territórios do noroeste do Rio Grande do Sul. Em 1856, retornou aos Kreie-bang-rê – Campos de Palmas – mais precisamente para as margens do rio Xá-embtko (Rio Chapecó), onde chefiou seu grupo e participou de várias empreitadas para governo da Província do Paraná, até sua morte em 1870.

Procuramos elaborar uma reflexão que não ficasse aprisionada às universalidades pré-explicativas como a inevitabilidade do processo histórico (expansão da sociedade campeira), ou estabelecer simplificações históricas que colocam Victorino Condá como colaboracionista dos invasores, deixando de refletir as situações históricas dinâmicas

em que ele atuou. Ao mesmo tempo que tinha que lidar com as lutas intertribais entre os diversos grupos Kaingang, ele tinha que se construir como liderança guerreira entre eles.. Por outro lado, percebia que estava num “mundo mais amplo”, e viu a necessidade de firmar alianças com as autoridades da Real Expedição de Conquista de Guarapuava e relações de compadrio com a população pobre da Freguesia, pois a compreensão desse “mundo” além da sociedade Kaingang possibilitava-o descortinar as diversas formas de invasão e ocupação de seus territórios pelos não indígenas, bem como procurar alternativas para enfrentá-las.

Assim, instalado nos territórios do Chapecó, Victorino Condá realizou, em 1869, sua última grande viagem até Curitiba para levar ao presidente da Província do Paraná às demandas dos seus liderados. Encerrou sua vida com a determinação de garantir um território para seu povo e a compreensão da importância em acessar as tecnologias (ferreiro) e os conhecimentos (mestre escola) dos invasores como ferramentas para a continuidade da sociedade Kaingang. Na sua última ação, deixou definida uma pauta de luta que os seus parentes e aliados conduziram nas décadas seguintes. As ações de Victorino Condá, bem como a de muitas outras lideranças indígenas que atuaram na região no século XIX, contribuíram para preservar parcelas de seus territórios que estão ocupadas até hoje pelos seus descendentes.

fontes

documentação da
biblioteca nacional

MÜLLER, Daniel Pedro. Mappa do Campo de Guarapuav[a], Paraná e territórios cor[...]. [1815]. 1 mapa ms., desenho a aguada, 43 x 49,5cm em f. 45,5 x 51,7cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543241/cart543241.jpg. Acesso em: 6 abr. 2020.

documentos manuscritos
do APESP – arquivo público
do estado de são paulo

ARAÚJO, Elias de. Relação do desastroso sucesso acontecido na Freguesia de Belém em Guarapuava entre os Índios Aldeados e Bárbaros na noite de 8 de outubro de 1827. Data: 15 de outubro de 1827. APESP, Caixa 192, Ordem 0987, Pasta 1, Documento 79.

LIMA, Francisco das Chagas. Carta ao comandante Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Data: 24/06/1811. APESP. Ordem 303, P. 04, Doc 01-50.

LIMA, Francisco das Chagas. Estado actual da conquista de Guarapuava no fim do anno de 1821 descripto por ordem do Ilmo e Exmo Governo Provisório desta Provincia de S. Paulo. APESP. Caixa 303, Folder 43.

LIMA, Francisco das Chagas. Carta a Junta da Real Expedição. Data: 22 de fevereiro de 1822. APESP. Ordem 303, P. 04, Doc 63-64.

LIMA, Francisco das Chagas. Carta ao presidente da Provincia de São Paulo, Lucas Antonio Monteiro de

Barros. Data: 20 de maio de 1825. AESP – Arquivo do Estado de São Paulo: Caixa: 192, Ordem 987.

LIMA, Francisco das Chagas. Informação do Missionário e Vigário Collado na Freguesia de N Snra de Belém nos Campos de Guarapuava. Data: Data: 15 de janeiro de 1826. APESP. Caixa 192, Ordem 0987, P. 1, Doc 66.

LOURES, Antonio da Rocha. Relação dos Índios que se achão existentes na freguesia de Nossa Senhora de Belem nos Campos de Guarapoava aos 19 de dez de 1830. APESP. Caixa 230, Ordem 1025, P 1, Doc 8ª, f 2.

LOURES, Antônio da Rocha. Ofício de 03/01/1829. APESP. Caixa 192, Ordem 0987, P 1, Doc 99, fls 1-3.

LOURES, Antônio da Rocha. Ofício de 06/12/1829. APESP. Caixa 192, Ordem 0987, P 2, Doc 20, fls 1-2.

LOURES, Antônio da Rocha. Ofício de 21/10/1830. APESP. Caixa 230, Ordem 1025, P 1, Doc 8A, fls 1-5.

ROSA, Domingos Afonso. Ofício do Sargento Mor Comandante das Ordenanças de Itapetininga, Domingos Afonso Rosa, ao Presidente da Provincia. Data: 13 de fevereiro de 1829. APESP. Seção manuscritos, Of. Div. Itapetininga (1822-29), Caixa 259, Ordem 1054, Pasta 1, Documento 93,

VALLE, Manuel Suares do. Planta do terreno descoberto em Guarapuaba pella observação de Manuel Suares do Valle, feita desde 27 de Março the 15 de Julho do presente Anno de 1811. APESP.

FONSECA, Antônio Augusto da. Ofício do presidente da provincia do Paraná ao delegado da Repartição das Terras Públicas e Colonização da provincia do Paraná Cândido Rodrigues Soares de Meireles – em 29/07/1869. AP 1399, C458.102.386.

FONSECA, Antônio Augusto da. Ofício do presidente da provincia do Paraná ao delegado da Repartição das Terras Públicas e Colonização da provincia do Paraná Cândido

documentos manuscritos
do APP – arquivo público
do paraná

Rodrigues Soares de Meireles – em 26/07/1869. AP 1396, C458.100.379. FONSECA, Antônio Augusto da. Ofício do presidente da província do Paraná ao delegado da Repartição das Terras Públicas e Colonização da província do Paraná Cândido Rodrigues Soares de Meireles – em 26/07/1869. AP 1397, C458.101.380.

FONSECA, Antônio Augusto da. Ofício do presidente da província do Paraná ao Diretor Geral dos Índios da Província do Paraná Francisco Ferreira da Rocha Loures – em 31/07/1869. AP 1401, C458.102.389.

FONSECA, Antônio Augusto da. Ofício do presidente da província do Paraná ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas Joaquim Antão Fernandes Leão – em 31/07/1869. AP 1400, AP308.11.64-65.

LEÃO, Joaquim Antão Fernandes. Ofício do Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ao vice-presidente da província do Paraná Agostinho Ermelino de Leão em 30/09/1869. AP 1412, C270.269.

SOUZA, Pedro Ribeiro de. Ofício do Diretor do Aldeamento de Palmas, enviado a Antônio Augusto da Fonseca - presidente da província do Paraná – em 25/05/1869. AP307.10.322-323

SOUZA, Pedro Ribeiro de. Ofício do Diretor do Aldeamento de Palmas, enviado ao vice-presidente da província do Paraná Agostinho Ermelino de Leão – em 03/07/1870. AP 1485. APP338.15.232-233.

LIMA, Francisco das Chagas. Mapa dos Campos de Guarapuava com a divisão dos terrenos aplicados à Freguesia do Belém, Aldeia da Atalaya e povoadores portugueses, pelo Pe. Franco das Chagas Lima em 1821. Museu Paranaense. <http://www.pergamum.cultura.pr.gov.br/pergamum-seec/vinculos/0001ca/0001ca57.jpg>. Acesso 26/082023

LIMA, Francisco das Chagas. Livro para nelle se lançarem os assentos dos Batismos de população de nascimento. Abarracamento de S. Felipe, 1809a

LIMA, Francisco das Chagas. Livro para assentos de óbitos de pessoas livres acontecidos em a nova Freguesia de Guarapuaba. Abarracamento de S. Felipe. 1809b.

LIMA, Francisco das Chagas. Livro de assentos dos casamentos feitos em a nova Freguesia de Guarapuaba. S. Felipe. 1809c.

documentação do
museu paranaense

documentos manuscritos
do arquivo da diocese de nossa
senhora de belém de guarapuava

referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Joaquim Gonçalves de. Discurso 01/10/1828. O Farol Paulistano. 18/10/1828. Edição 00157.

ANONIMO. Vocabulário da Língua Bugre. Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil. Rio de Janeiro, 1852, vol. 15:60-75.

AROEIRA, Fundação. Relatório Final de Campo do Levantamento do Programa de Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial da Subestação de Energia - Bituruna 138 KV, 2015.

ARQUEOLÓGICA, Consultoria Arqueológica. Relatório final do Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial, do sítio “Arroio do Tanque” e Área de Ocorrência Arqueológica. Distrito de Palmeirinha, Guarapuava / PR. Processo Nº 01508.900116/2017-59. Anexo 01 - Resultado da datação da amostra de carvão, realizada no Laboratório Beta Analytic, pelo método RadiometricPLUS de datação por radiocarbono. Maringá: 2019, p. 1-5. BAERREIS, David Albert. The Ethnohistory Approach and Archaeology. Ethnohistory, v. 8, n. 1, p. 49-77, 1961.

BALDUS, Herbert. Culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: Herbert BALDUS. Ensaios de Etnologia Brasileira. 2ª. ed. São Paulo/ Brasília, Companhia Editora Nacional/INL-MEC (Coleção Brasileira, vol. 101). 1979, p.8-33.

BAPTISTA, Patric Leandro. “Cacicque” Kretã: aquele que olha por cima da montanha enxerga mais alto. 2015. Xxf. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BORBA, Telêmaco Morocines. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*, v. 6, p. 53-62, 1904
- CAMPOS, Marilda Alves; DOS SANTOS, Rodrigo. Entre batuques e fandangos: a apresentação de Lourença Juquiá e os conflitos na Vila de Guarapuava (1812 a 1856). *Revista Trilhas da História*, v. 5, n. 10, p. 20-39, 2016.
- CARMACK, Robert M. Ethnohistory: a review of its development definitions, methods, and aims. *Annual Review of Anthropology*, v. 1, p. 227-246, 1972.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. *História*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, 2011.
- CHAVES, Kelly K. Ethnohistory: from inception to postmodernism and beyond. *The Historian*, v. 70, n. 3, p. 486-513, 2008.
- CHMYZ, I. (coord.) Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-1980). Florianópolis/ Curitiba: Convênio ELETRO-SUL- IPHAN, 1981.
- CHMYZ, I. Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (63). *Kavales: Revista do Museu Paulista*, N.S, v. 14, p. 493-512, 1963.
- CHMYZ, I. O sítio arqueológico PR UV 1 (abrigo sobre rocha Casa de Pedra). *Arqueologia*, v. 3, p. 1-46, 1967.
- CHMYZ, I. Pesquisas arqueológicas no médio e baixo rio Iguaçú. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém - PA, v. 15, p. 87-108, 1971
- CHMYZ, I. Relatório das prospecções arqueológicas nos municípios de União da Vitória, Bituruna e Cruz Machado-PR, 1959-1964. Curitiba, Universidade do Paraná, 1964.
- CHMYZ, I. Relatório Final das Pesquisas Arqueológicas realizadas na Área da Usina Hidrelétrica Segredo (1991/94). Curitiba, Universidade do Paraná, 1994.
- CHMYZ, I. Subsídios para o estudo arqueológico do vale do rio Iguaçú. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*, Curitiba - PR, v. 1, p. 31-52, 1968.
- CHMYZ, Igor. (Coord.) Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica Foz do Areia. Curitiba, Convênio Copel-UFPR, 1981.
- CHMYZ, João Carlos Gomes (coord.). Relatório final das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica de Segredo (1991/94). Curitiba: Convênio COPEL- FUNPAR-UFPR, 1994.
- CHMYZ, João Carlos Gomes. Relatório final das pesquisas arqueológicas realizadas na área de influência de derivação do rio Jordão (1994/95). Curitiba: Convênio COPEL-FUNPAR-UFPR, 1995.
- D'ANGELIS, Wilmar R. O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. 2003. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/Primeiros100anos.pdf> Acesso em: 22 abr. 2016.
- DORSON, Richard Mercer. Ethnohistory and Ethnic Folklore. *Ethnohistory*, v. 8, n. 1, p. 12-30, 1961.
- DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- DURAT, Cristiano Augusto. Um personagem "incomum" na Freguesia de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava: Luiz Tigre Gacom, capitão dos índios. *Crítica Histórica*, Ano IX, n. 17, p. 177-202, 2018.
- EWERS, John Canfield. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. *Ethnohistory*, v. 8, n. 3, p. 262-270, 1961.
- FERNANDES, Loureiro. Os Cainganges de Palmas. *Arquivos do Museu Paraense*, v. 1, p. 161-229, 1941.
- FERNANDES, Ricardo Cid. Política e Parentesco entre os Kaingang: uma análise etnológica. 2003. 288f. Tese (Doutorado em...) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FERNANDES, Ricardo Cid. Uma contribuição da antropologia política para a análise do faccionalismo Kaingang. In: NOELLI, FS; TOMMASINO, K; MOTA, LT. *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, p. 83-143, 2004.
- FRANÇA, Francisco Manoel de Assis. Carta de um praça acantonado na freguesia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava. *Boletim do Instituto Histórico Geográfico Etnográfico Paranaense*, v. 5, ano, fascículos 3-4, p. 69-71, 1981.
- FRANCO, Arthur Martins. Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava. Curitiba: Tip. João Haupt, 1943.
- GARCIA, Rosicleide Rodrigues. Estudo paleográfico e codicológico dos documentos de Capivari do século XIX. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: USP, n. 10-11, p. 173-187, 2008.
- HOBSBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2023. Indígenas. <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR> Acessado em: 21 ago. 2023.
- LEACOCK, Eleanor. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. *Ethnohistory*, v. 8, n. 3, p. 256-261, 1961.
- LIMA, Francisco das Chagas. Memória do descobrimento e colônia de Guarapuava. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras*, v. 4, n. 13, p. 43-64, 1842.
- LURIE, Nancy. Oestreich. *Ethnohistory: An Ethnological Point of View*. *Ethnohistory*, v. 8, n. 1, p. 78-92, 1961.
- MACEDO, Francisco R. Azevedo de. *Conquista pacífica de Guarapuava*. Curitiba: Ed. Gerpa, 1951.
- MALAGE, Katia Graciela Jacques Menezes. Condá e Viri: Chefias indígenas em Palmas-Pr, década de 1840. 2010. 137f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- MILLER, Eurico Tom. Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional Rio Grande do Sul. *PRONAPA 4. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15: 37-60, 1971.
- MONTEIRO, John Manuel. Armas e armadilhas: história e resistência dos índios. A outra margem do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p. 237-249, 1999.
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena. In: Aracy Lopes da Silva; Luís D. B. Grupioni (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1.º e 2.º graus*. Brasília: MEC; MARI; UNESCO, 1995..
- MOTA, Lucio Tadeu. A capitania insurrecta: a declaração de guerra contra os Jê do Sul pela Corte Joana e a preparação da Real Expedição para a conquista dos seus territórios nos Koran-bang-rê–Campos de Guarapuava (1774-1810). *Revista de História Regional*, v. 28, p. 1-35, 2023.
- MOTA, Lúcio Tadeu. A Real Expedição de Conquista de Guarapuava e os Kaingang dos Koran-Bang-Rê. In: Vania Maria Losada Moreira. (Org.). *Povos indígenas, independência e muitas histórias: repensando o Brasil no século XIX*. ied. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 223-252
- MOTA, Lucio Tadeu. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. *Patrimônio e Memória*, v. 10, n. 2, p. 5-16, 2014.
- MOTA, Lúcio Tadeu. Os territórios Kaingang entre os rios Goio-Covó (Iguaçú) e Goioaint (Uruguai) no Paraná e Santa Catarina no século XIX. In: Ana Lucia Vulfe Notzold; Helena Alpini Rosa; Sandor Fernando Bringmann. (Org.) *Etnohistória, História Indígena e Educação*. ied. Porto Alegre: Pallotti, 2012, v. 1, p. 229-254.
- MOTA, Lúcio Tadeu. Pari - armadilhas de pesca utilizadas pelos Kaingang no vale do Rio Piquiri. In: Jorge Eremites de Oliveira, Juliano Bitencourt Campos, Pedro Paulo Abreu Funari. (Org.). *Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicas de pesquisa*, v. 1, p. 61-91, 2022.
- NIMUENDAJU, Curt. Notas sobre a organização religiosa e social dos índios Kaingang. [1912] In: GONÇALVES, M. A. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- OLIVEIRA, J. P. O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de aldeias. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2016.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória. *Prosa, Campo Grande*, v. 3, n. 1, p. 39-47, 2003.
- ORIGEM ARQUEOLOGIA. Relatório Final do Programa de Diagnóstico e Prospecções Arqueológicas para

- PCH Foz do Estrela Município de Coronel Domingos Soares, Paraná. São Paulo, 2015.
- PARELLADA, C.I. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. R. Museu Arq. Etn., v. 27, p. 158-167, 2016.
- PARELLADA, C.I. (coorden.) Relatório final do programa de salvamento arqueológico da UHE Salto Caxias-PR. Curitiba, Convênio COPEL-FUNPAR. Museu Paranaense, 2001.
- PARELLADA, C.I. (coord.) II Relatório técnico do programa de salvamento arqueológico da UHE Salto Caxias-PR, 1º semestre 1997. Documento interno, Convênio COPEL-FUNPAR- Museu Paranaense, 1998a.
- PARELLADA, C.I. (coord.) III Relatório técnico do programa de salvamento arqueológico da UHE Salto Caxias-PR, 2º semestre 1997. Documento interno, Convênio COPEL-FUNPAR- Museu Paranaense, 1998b.
- PARELLADA, C.I. (coord.) IV Relatório técnico do programa de salvamento arqueológico da UHE Salto Caxias-PR, 1º semestre 1998. Documento interno, Convênio COPEL-FUNPAR- Museu Paranaense, 1999a.
- PARELLADA, C.I. (coorden.). Relatório preliminar do programa de salvamento arqueológico das linhas de transmissão de 525kV da UHE Salto Caxias à UHE Salto Santiago. Curitiba, Convênio COPEL- FUNPAR- Museu Paranaense, 1998c.
- PARELLADA, C. I. Relatório Anual de Atividades do Programa de Salvamento Arqueológico das Usinas Hidrelétricas Santa Clara e Fundão Vale do Rio Jordão. Curitiba: IGPlan. 2005.
- PORTUGAL, Diogo Pinto de Azevedo. Resposta as indagações do Ilmo. Sr. Dr. Ouvidor e Corregedor José Medeiros Gomes. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, v. 32, p. 5-10, 1977 [1811].
- RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- SCHWENGBER, V. L. et al. Diagnóstico arqueológico interventivo e educação patrimonial na área de implantação da LT 138 kV PCH Foz do Estrela - MV14 da LT 138 kV SE Foz do Areia - SE Palmas. Relatório de Pesquisa, 2016.
- SOUZA, Almir Antonio de; BERNASKI, Joice. O capitão comandante dos índios – Vitorino Condá, nos campos de Palmas, no Iranin e no Chapeco: os Kaingang e as terras indígenas do planalto meridional no Século XIX (1839-1844). Revista Cadernos do Ceom, v. 28, n. 42, p. 97-104, 2015.
- TRIGGER, Bruce G. Ethnohistory: problems and prospects. Ethnohistory, v. 29, n. 1, p. 1-19, winter, 1982.
- VAL FLORIANA, Mansueto Barcata de. Dicionarios Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. Revista do Museu Paulista, São Paulo, v. 12, p. 1-392, 1920.
- VALENTINE, Charles A. Symposium on the Concept of Ethnohistory – Comment. Ethnohistory, v. 8, n. 3, p. 271-280, 1961.
- VOEGELIN, Erminie Wheeler. An Ethnohistorian's View point. Ethnohistory, v. 1, n. 2, p. 166-171, 1954.
- WASHBURN, Wilcomb. Ethnohistory: History "In the Round". Ethnohistory, v. 8, n. 1. p. 31-48, 1961.
- WOLF, Eric R. Europa y la gente sin historia. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

